

GRANDES VULTOS DAS LETRAS, N.º 5



Maria de Lourdes Teixeira

GRAÇA ARANHA

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

REGISTRO SETORIAL

Seção Obras Raras

N.º 525

Data 27 / 01 / 74

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

GRAÇA ARANHA

ORMA

928

G729T

TEI



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

10/V-2

Obras de Maria de Lourdes Teixeira:

ALFEU E ARETUSA (As Apaixonadas de Goethe)
— Ensaio — 1950.

NEKHLUDOV — O CONDENADO VOLUNTÁRIO —
Ensaio — 1949 — *Traduzido para o francês pela Co-
missão Internacional de Psicologia Geral da Polícia
Criminal, sob o título de UNE ÉTUDE SUR L'HY-
PERTROPHIE DU SENS DE LA RESPONSABILITÉ.*

GLÓRIA E ATRIBULAÇÃO DE UM EX-JUIZ — En-
saio — 1949.

RASKOLNIKOV — O ANTI-MACBETH — Ensaio —
1949.

O TESTAMENTO DE TOLSTÓI — Ensaio — 1950.

O HOMEM-LOBO — Ensaio — 1950.

O BANCO DE TRÊS LUGARES — Romance — 1951
— “Prêmio Júlia Lopes de Almeida”, da Academia
Brasileira de Letras.

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 2461



INDICE

<i>Capítulo I</i> — Infância	5
<i>Capítulo II</i> — Adolescência	19
<i>Capítulo III</i> — Mocidade	31
<i>Capítulo IV</i> — Maturidade	41
<i>Capítulo V</i> — Velhice	54
Sinopse cronológica	65



Temístocles da Silva Maciel Aranha, pai de Graça Aranha.



D. Maria da Glória da Graça, aos 18 anos de idade, mãe do notável escritor.



Graça Aranha com 5 anos de idade.



O autor de "Canaã" no ano de sua formatura (1886).



Graça Aranha, Joaquim Nabuco e Magalhães de Azeredo, em Roma (1904).



Casa onde Graça Aranha viveu até retirar-se do Maranhão. Largo do Palácio. (1870-1884).



República de estudantes, entre eles Graça Aranha, à rua dos Goelhos, n.º 20, no Recife (1885).

A. Karawitz.

O meu deffuz nacimiento par eu marcon
o sepo ho fura, que me prendia as eu com ciuita. Si
pelo seimca de tua medita en foy, que n'is no taada de
doming, le 21 de junho de 1868, na cidade de S. Luiz
do Maranhão, quando eu estava condemnado a morte
por estar muito máo. A sciencia avança em eu
lucruencia. Reclama eu em meu a foy de ouca
genuinamente phillogico.

A liberdade de munda "vita" outo" no cogitad ho liberdade
que avianca" me em mory hoda a vida em eu a
vltima. Ho logo avian libates em ho vida "liberamente"
le em meu o "vitor" em "vitor" elende outo a munda vita
foi uma angustia ho condemnado e por eu condemnado
atua por ho munda. Liberdade em ho prouent, vltima
e ope "mas" de foy de prouent catolico. Liberdade em de
S. Luiz. A eu avianca foy: experimentad ho coital
hoof condemnado, foy por uma attitud gnomica. Ouca

Fac-símile de um manuscrito de Graça Aranha (do livro "O Meu Próprio Romance").

INFÂNCIA

"Não foi privilégio meu ter sido uma criança imaginativa."

Na cidade de São Luís, capital do Maranhão, num sobrado de três andares da rua da Estrêla, ponto bastante comercial, nasceu — numa tarde tranqüila e modorrenta de domingo — a 21 de junho de 1868, uma criança predestinada a belo e glorioso destino nas letras do Brasil, e que recebeu o nome de José.

Eram seus pais o jornalista Temístocles da Silva Maciel Aranha e D. Maria da Glória da Graça. Esta, formosa criatura de índole serena, provinha duma das estirpes mais importantes de sua terra, em que se destacavam muitas personalidades eminentes — magistrados, generais, políticos, advogados e almirantes. Era filha do Barão de Aracati, José Pereira da Graça Júnior, que chegou a desempenhar no Maranhão o cargo de presidente da província. Quanto ao pai do pequeno maranhense nascido no casarão da rua da Estrêla, descendia por sua vez duma tradicional família de lavradores e militares, co-participantes de muitas lutas políticas e guerras civis que agitaram o Norte de então, família que alimentava um exagerado orgulho por seu sangue extreme de impurezas. Estes parentes resguardavam ciosamente o seu tipo louro de olhos azuis, de que eram guardiães vigilantes diversas tias solteironas e encarquilhadas, imbuídas dum rígido preconceito de que mais tarde sorriria com ironia e complacência o rebento ilustre.

Ainda não completara dois anos o descendente dêses dois troncos, quando a família se transferiu dessa primeira residência para outra situada no fim da rua Vinte e Oito de Julho e, logo mais, para a mansão do Largo do Palácio que — esta sim — tamanha importância viria a ter em suas lembranças durante a vida inteira. Anos e anos depois, já nos seus derradeiros dias, escreveria êle a respeito:

“Os meus olhos abriram-se logo depois à magia da casa do Largo do Palácio. O seu ambiente incorporou-se de tal forma ao meu espírito infantil, que pensar nêle, invocá-lo, ressuscitá-lo, é transfigurar-me no menino imaginoso, é perder tudo o que adquirir de cultura e perversidade e voltar infavelmente à candura exaltada, aos primeiros jactos criadores de emoção e beleza. A grande casa, larga e sobretudo profunda, é uma pessoa viva na minha lembrança. Ela via uma paisagem que a`engrandecia. Do alto da barreira dominava o cais da Sagração, olhava a praia do Caju, e, estendendo o olhar por cima do convento de Santo Antônio, deliciava-se mirando o gracioso largo dos Remédios, onde Gonçalves Dias espera ouvir sôbre a palmeira de mármore o sabiá, que não vem nunca. O olhar da casa afunda-se além, para a Gamboa do Mato e para a Currupira e, não podendo atingir as quintas de Roma e Bom Gôsto, atira-se por cima do Anil, não se demora em Vinhais, porque, passando pela Pedreira, vem voltando para São Marcos, de atalãia a fazer sinais aos vapores e navios, que querem entrar no pôrto arriçcado, pela Ponta da Areia, onde um tiro de velho canhão do forte antiquado anunciava o paquete do Sul”.

Nesse casarão de esquina, contando muitas portas de cada lado e, em cima, outras tantas dando para pequenos balcões guarnecidos de ferro batido, à velha moda brasileira, e com aquêle ar acolhedor das nossas boas casas de outrora, decorreu a infância de José Pereira da Graça Aranha (futuramente conhecido apenas por êstes dois últimos nomes), em meio ao carinho vigilante dos pais, à

amizade e companhia dos nove irmãos, além do zêlo sempre atento da parentela e dos fiéis agregados.

Menino imaginativo e já rico duma precoce vida interior, é nesse cenário que podemos situá-lo às voltas com seus brinquedos, com suas fantasias e com as figuras imaginárias que povoam seu espírito de histórias e de lendas. Mas, em que consistiam as distrações e a atividade do pequeno?

Um grande quintal, aos fundos da casa, foi o palco das suas primeiras aventuras. Aí, tôdas as tardes se reunia um bando de crianças, da casa e da vizinhança, acrescido pelos pretinhos filhos das empregadas, e durante horas, até ao cair da noite, se entregavam aos mais animados e diversos brinquedos. O quintal era para José o reino da fantasia onde êle se transmutava em pajem, príncipe, gênio encantado, capaz de contagiar com seu maravilhoso poder os mais simplórios companheiros de folguedos, e também os transformar em personagens sobrenaturais. Assim, enquanto na doçura do crepúsculo êle era o príncipe lendário montado em fogoso corcel, a galopar de espada em punho e pendão ao vento para supostos combates em prol de sua dama, acompanhado pelo séqüito brilhante dos outros meninos feitos pajens e nobres donzéis, as meninas do grupo representavam princesas encantadas, engrinaldadas de flores, prisioneiras em castelos e torreões, aguardando a chegada dos heróis cavalleirescos, emocionadas e gentis, debruçadas em ameias que eram galhos de árvores ou barrancos recobertos de capim e de melão-de-são-caetano. Corriam as horas docemente, até que vinham chamá-los as velhas pretas pachorrentas, pesadonas, vagarosas, que decerto se veriam em apuros para conseguir trazer à realidade o bando imaginoso.

Dentro de casa, depois do banho e da refeição noturna ao longo da comprida mesa patriarcal onde os pais e as dez crianças tomavam a ceia, à boa e velha moda antiga de nossa gente — tigelinhas de mingau de milho ou arroz doce, leite com farinha ou canjica — ajoelhavam-se os pe-



quenos, envoltos em longas camisolas, ao redor da mãe sentada numa cadeira de balanço, e acompanhavam-na nas orações da noite, seguidos pela criadagem ajoelhada perto. Depois, terminadas as rezas, tomada a bênção dos pais e dadas boas noites aos demais, muito comportadamente seguiam para os seus quartos, os meninos todos juntos num cômodo amplo e, em outro igual, as meninas.

Fatigados pelas correrias do dia e da tarde, dormiam logo, à exceção de Juca, que continuava em imaginação as fantasias do quintal. Seu cérebro trabalhava excitado, criando aventuras incríveis, personagens formidáveis, romances pueris e heróicos. Mais eis que, pé ante pé, a fim de não despertar os garotos adormecidos, entra no quarto a velha Militina, a boa ama que o criara e que era um repositório vivo de histórias folclóricas, lendas e tradições de outras eras. Senta-se de mansinho na beira da cama e, na vaga e sugestiva penumbra da alcova, tão propícia aos caprichos da fantasia estimulada pelo silêncio do quarto ao fim do longo corredor, principia a contar ao seu querido menino uma daquelas histórias cheias de misteriosa poesia:

— Era uma vez...

Essas narrativas foram nutrindo o espírito ávido do pequeno com o encanto das aventuras das Mil e Uma Noites, das lendas medievais, das criações da fantasia cabocla com seus duendes apavorantes ou brejeiros — sacis, lobisomens, almas penadas, a mula sem cabeça — de permeio com episódios verídicos romanceados em tórno da crônica maranhense, em que era também muito versada a mulata Militina. Fadas de varinha de condão, gênios de mágicos poderes exercidos por meio dum anel ou duma lâmpada, velhos mendigos de bordão e alforje que de repente se transformam em personagens maravilhosos dentro dum súbito clarão, histórias de santos e de mártires, dramas da escravidão, feitos de guerras civis, — eis o cabedal com que a velha babá foi nutrindo, noite por noite, o espírito daquele que viria a ser um dos maiores escritores de sua terra.



Fato muito importante da infância de Graça Aranha é a circunstância de seu progenitor exercer a profissão de jornalista, o que de certa forma o familiarizou desde muito cedo com o mundo sugestivo do papel impresso. Com pouco mais de três anos, o pequenino vivia choramingando atrás da mãe, por querer aprender a ler! Impressionado com tal precocidade, seu pai fêz imprimir um alfabeto ali na tipografia do seu jornal — *O País* — que funcionava no andar térreo da própria residência, e então começaram as aulas a título de brinquedo. Assim aprendeu êle as primeiras letras com a mãe, admirável criatura, tão bela que ao conhecê-la em solteira o famoso pianista Artur Napoleão se mostrou vivamente impressionado. Realmente, Sinhá Graça — como a chamavam na intimidade — era tão bonita que mais tarde o próprio filho compara o seu retrato, pintado pelo artista Tribusi, à Gioconda de Da Vinci, dizendo que para ser inteira a semelhança só lhe faltava o sorriso.

Nesse ambiente, à medida que crescia ia o menino se moldando aos influxos dum meio tão propício às suas naturais inclinações. Guiado pelo carinho da mãe e pela inteligência esclarecida do pai, num círculo de ótima formação moral onde o respeito mútuo era uma lei e a concórdia um elo fortíssimo, num lar muito bem constituído, assistido por criaturas leais e amigas, além disso influenciado pelas atividades da profissão do progenitor, tudo concorreu para que no menino excepcional fôsse desabrochando harmoniosamente uma clara inteligência, inclinada às letras e aos estudos. Êstes, após os primeiros ensinamentos ministrados por Sinhá Moça, foram entregues a um dos melhores estabelecimentos de São Luís: o Colégio de Nossa Senhora de Nazaré, destinado especialmente a meninas, mas que admitia por exceção em seu curso preliminar alguns alunos do sexo masculino.

Em consideração ao diretor de *O País*, um dêsses alunos foi José, que aí bem depressa se ambientou, dando-se muito bem com as professoras e as colegas. Aí fêz todo o curso pri-

mário, sempre se revelando ótimo aluno, quer em boas maneiras, quer na aplicação às matérias. Com apenas oito anos completou o curso preliminar e teve de deixar o Colégio de Nossa Senhora de Nazaré a fim de iniciar os preparatórios.

Foi então que chegou de fato a oportunidade de Temístocles da Silva Maciel Aranha tomar a seu cargo a direção dos estudos do filho, tarefa a que se entregou com verdadeira paixão. Dava-lhe aulas de português e latim, matérias que depois o menino repetia com outros professores, entregando-se com entusiasmo ao estudo, ante a confiança e a satisfação paternas, o melhor estímulo que poderia receber, pois que adorava o pai.



A esse tempo outra grande influência, embora obscura e humilde, já se ia fazendo sentir na formação de Juca. Provinha ela dum ex-escravo chamado Sabino e que, liberto pelo seu generoso senhor — o jornalista Temístocles — passou de então em diante a se dedicar espontaneamente ao menino, o qual lhe retribuía com uma grande amizade. Caçador emérito, conhecedor de todos os segredos do mato, nêle se embrenhava às vêzes dias e dias seguidos sem aparecer em casa, às voltas com bichos e plantas. Pescador dos mais experientes e famosos da região, sabia tôdas as manhas do mar e dos rios, os caprichos dos peixes e os sortilégios das águas, as traições das ondas, as insidiosas armadilhas das lagoas. Mas ainda não era só. O mulato era também um verdadeiro compêndio de narrativas, abusões e credices, de que pouco a pouco se foi impregnando o menino, já de si preparado pelo seu natural feitio imaginativo e pelas histórias análogas da velha Militina. E assim, ao lado das aventuras de caçadas, de bichos e de avês, das mais incríveis e empolgantes narrativas de pescaria a anzol, arrastão e rêde, o ex-escravo ia imbuindo o cérebro do seu pequeno amigo de pavores de assombramentos e almas penadas, que muito davam que

fazer ao garôto, ao ter de atravessar sòzinho os longos corredores mal iluminados do vetusto casarão do Largo do Palácio, em cujas paredes as sombras dançavam sinistramente.

Homem feito, lembrava-se Graça Aranha, divertido e emocionado, daqueles duendes familiares de sua infância, e de que tomara conhecimento através das conversas com o cafuzo Sabino: o saci-pererê, o boitatá, o caipora, o mão de cabelo, o negro do surrão, o homem dos pés às avessas, o chibamba, o fantasma "cresce e minguá", o quibungo, o bandido Cabeleira, "todos os agouros florestais" e, mais inesquecível que tudo, a maravilhosa mãe-d'água, a uiara dos rios, a Iemanjá ou Dona Janaína dos Mares do Norte do Brasil, o seu primeiro e romanesco amor. Ao lado disso, a amizade pelo narrador ia cada vez se alicerçando em bases mais firmes, de modo a acompanhá-lo pela vida afora.

Entretanto, a essa altura da infância, o menino excessivamente precoce e desenvolvido intelectualmente para a sua idade ia pouco a pouco se transformando. Já não lhe agradavam mais os primitivos brinquedos ao fundo do inenso quintal sombreado de árvores, em companhia de outras crianças. Já não sentia com elas as antigas afinidades, quando a imaginação os transformava em príncipes e cavalheiros empenhados em cruzadas e aventuras. Para êle o tempo acarretava um amadurecimento muito rápido, distanciando-o a largos passos dos demais meninos de sua idade.

Agora, os livros, os estudos, cada vez o atraíam mais. E, ao lado dêles, amava com entusiasmo a crônica familiar com os seus heróis e modelos quase lendários. Conhecia tôdas as histórias dos seus antepassados, interessantes por esta ou aquela razão. E entre êles se destacava num lugar à parte do seu coração a figura realmente empolgante dum tio-avô paterno, morto aos vinte e seis anos, personalidade notável pela inteligência e pela coragem. Chamou-se êsse nume doméstico José Cândido de Moraes e Silva, e foi um tremendo nativista que, pelas colunas do seu famoso jornal *O Farol Maranhense*, combateu valentemente os elementos lusitanos

recalcitrantes em reconhecer a nova ordem de coisas implantada no Brasil pela Independência. Além disso, foi José Cândido um dos mais vibrantes elementos que no Norte prepararam a eclosão do 7 de Abril, tendo-se por isso envolvido em conflitos e motins de caráter político. Foi por isso perseguido e prêso, tendo sofrido tôda sorte de violências, em conseqüência das quais morreu aos vinte e seis anos de idade, deixando uma legenda de heroísmo e pundonor nos anais da história maranhense e, ainda mais, nas lembranças familiares que lhe repetiam as façanhas de geração em geração, nimbando-as duma auréola de veneração quase religiosa.

Dêsse semideus de sua infância escreveria mais tarde Graça Aranha: "Fui criado nesse culto. Imaginava êsse tio glorioso como o mais fascinante dos jovens. Nada me encantava como ouvir de meu pai a narrativa de suas proezas, que eu exagerava, engrandecia nos meus sonhos acordados. Era o guia, o modelo da minha infância. Era o herói do meu sangue. Ainda hoje, em qualquer combate de idéias, em tôda ação arriscada em que me empenho, sinto vir a mim, de muito longe, a sua imagem, que me fortalece a audácia e a tenacidade".

† Quanto aos estudos, cada vez mais o conquistavam e lhe entreabriam as portas dum mundo inesperado. A geografia e a astronomia, principalmente, passaram a prendê-lo nas malhas dum verdadeiro encantamento. De tal forma que, contando apenas dez anos, conseguiu compilar um volumoso trabalho tendo por assunto a África, e para o qual se valeu de quantas obras de geografia conseguiu na biblioteca do pai, despertando a admiração e o aplauso dos professores.

Esta é, sem dúvida, a primeira manifestação da vocação de escritor que se revelou em Graça Aranha, se tais penhores já não estivessem suficientemente demonstrados pelo seu apêgo aos livros e pela tenaz aplicação nos estudos. E quanto devia ser curioso hoje para nós e para os pósteros conhecer êsse primeiro trabalho do futuro autor de *Canaã!* †

daqui

Prosseguindo com método e perseverança na tarefa que se propusera, de ministrar ao filho tão bem dotado uma educação completa, sem lacunas, empenhou-se desde logo o jornalista em lhe ensinar um ofício, coisa que considerava necessária para qualquer indivíduo, fôsse qual fôsse a sua posição social ou as finalidades a que se destinasse. E nenhum melhor, em tais condições, do que aquêle que se exercia sob o teto do seu próprio lar: o mister de tipógrafo. Assim pois, à medida que crescia, ia o menino se familiarizando com os segredos do ofício, para o que, a partir de certa idade e obedecendo ao método preconizado pelo pai, dedicava diàriamente duas horas.

Disso decorreu, conforme se verá, uma das maiores satisfações da sua infância, quando contava dez anos. Foi o caso que, certa vez, num domingo, dia portanto em que não compareciam às oficinas os tipógrafos do jornal, chegou inesperadamente do Rio de Janeiro uma sensacional notícia de natureza política e queurgia ser divulgada no Maranhão. Deixemos porém que o próprio Graça Aranha nos conte o que aconteceu:

“O País tinha que dar boletim. Por mais que fôssem procurados os tipógrafos, nenhum, naquele domingo vadio, foi encontrado. Apenas vieram o impressor e um dos tocadores do prelo. Na aflição em que vi meu pai, sempre tão zeloso em servir o seu público, ofereci-me a compor o boletim. Executei-o como pude, compus o boletim e ajudado pelo impressor e paginador, tivemos a grande alegria de o imprimir e o ver distribuído nessa mesma tarde preguiçosa. Esta proeza de um pequeno operário, voluntário, de dez anos, envaideceu meu pai, cujo orgulho por mim foi sempre exaltado e comovente”.

✶ A êsse tempo, fazia também José, com o êxito habitual, os primeiros exames de preparatórios — português e latim — e se iniciava no estudo do francês e do inglês, obedecendo sempre ao método de receber lições de diversos professores.

E conta êle mais tarde que, ao entrar em contato com a língua francesa, é que sentiu os primeiros indícios de sua vocação literária, ao travar conhecimento com a famosa obra de Chateaubriand *Os Mártires*, tamanha era a vibração que em sua sensibilidade despertava a leitura daquelas páginas. Vejamos como êle próprio narra essas longínquas impressões intelectuais de tanta importância em sua formação:

“As primeiras e inesquecíveis lágrimas que a música literária me fêz derramar, devo-as a Chateaubriand. Depois da iniciação do francês, o livro de estudo era *Os Mártires*. O assunto me arrebatava. Gauleses, merovíngios cristãos, césaes, legiões, perseguições, catacumbas, sacrifícios, mártírios, tudo me transportava no vô da poesia a uma região emotiva alucinante. O encanto maior não vinha do assunto, estava no ritmo, na frase. Havia momentos em que esta se apoderava de mim, sufocava-me e o meu único desafôgo era chorar, chorar”.

A paixão da leitura ia, de fato, começando a empolgá-lo cada vez mais. Na biblioteca paterna escolhia os livros que o interessavam e ia lê-los num local especialíssimo, tranqüilo e pitoresco: o telhado de sua casa, para onde se esgueirava através da janela do quarto de estudos, situado no sótão. Lá em cima, cautelosamente acomodado, entregava-se todo à paixão da leitura, a salvo das interrupções perturbadoras, e tendo diante de si a paisagem da cidade inteira, por onde com certeza passeavam à sôlta os seus devaneios, nascidos das páginas que lia. Ei-lo que nos conta:

“Tudo moroso, pachorrento e triste, nas tardes quentes que a noite fecha rapidamente, quando na Sé batem as ave-marias, os homens se descobrem e as mulheres se perisgam. Era a hora em que eu seguia, na tradução portuguesa, Dom Quixote e Sancho, e vivia no mundo picaresco e tenebroso de Gil Blas”.

Assim ia decorrendo a sua infância feliz, e desabrochando na adolescência que já prenunciava um admirável futuro.

Assim ia crescendo o menino e se desenvolvendo dia a dia, em contato com o seu mundo interior que se enriquecia cada vez mais, e com as criaturas que o cercavam no ambiente familiar, aprendendo a estimar e a conhecer os parentes e amigos da casa, freqüentada pela melhor sociedade de São Luis, mercê do caráter ímpoluto e da afabilidade espontânea de seu pai e da encantadora simpatia de sua mãe.

Todos os acontecimentos do velho Maranhão de sua infância, todos os semblantes que então o rodeavam, jamais se apagariam da memória de Graça Aranha, ainda mesmo quando o fastígio de sua existência o levou a distantes países de outro continente, entre o êxito e o esplendor duma grande vida. Jamais esqueceria. As lembranças dêsses tempos primeiros foram para a sua imaginação as fontes mais vivas e mais exuberantes em que até o fim se abeberou.

Outra nota marcante a ser assinalada na sua infância é o caráter por êle revelado desde então, excepcionalmente independente e corajoso nas atitudes, o qual não se modificaria nunca. Se assim se mostrou em menino assim se conservou até a velhice, sem que jamais aceitasse gestos acomodatícios ou dúbios, sem que jamais se deixasse abater por dificuldades e obstáculos. Assim também a sua inquietação, que promana das mais longínquas raízes ancestrais. Podemos mesmo dizer, sem receio de engano, que, desde que viera ao mundo, Graça Aranha já possuía todos os elementos formadores de seu caráter essencial.

Já então as impressões iam se fixando com maior nitidez no cérebro do menino curioso e intuitivo. Entre os livros, os estudos e as figuras familiares que formavam o seu mundo, ia êle retendo as peculiaridades de cada tipo, de cada personalidade, com a observação e o gôsto que, eufórico por excelência, sempre tirou da vida.

Dentre as criaturas que giravam na órbita restrita de sua existência de rapazinho bem criado, muito apegado aos seus, educado com todos os cuidados e melindres da rígida formação moral dos pais, impressionava-o sobremaneira a perso-

nalidade do avô materno, o então já velho Barão de Aracati, presidente da província do Maranhão.

Por essa época o avô devia andar com mais de sessenta anos de idade, sendo, porém, ainda um homem bonito e elegante, de tipo claro e alourado e roupas impecavelmente corretas. Diariamente se dirigia do palácio do governo à casa do genro, acompanhado das ordenanças, a fim de visitar Sinhá Graça e os demais parentes. Entrava sozinho e, ao invés de sentar-se e entregar-se a uma dessas longas e vagarosas conversas domésticas que fazem as delícias dos velhos principalmente, o avô Barão e Presidente começava um interminável vaivém ao longo da sala onde a filha o contemplava duma cadeira de balanço. De vez em quando o Barão emitia uma ou outra exclamação de calor, para em seguida mergulhar de novo no seu permanente silêncio. Assim era até a hora de se retirar, quando abençoava a filha e os netos um por um, e lá se ia rua abaixo rumo ao palácio, acompanhado a certa distância pelas ordenanças. Essa visita, aparentemente protocolar, se repetia entretanto invariavelmente todos os dias, dentro dos mais severos moldes familiares antigos.

Já o avô paterno era bem diferente. Muito religioso, via às voltas com padres e irmandades, tomando parte em procissões e solenidades de igreja, quando então envergava muito garboso a sua opa roxa de capuz azul, da irmandade do Senhor dos Navegantes, e que desde cedo tanto impressionava Graça Aranha. Talvez por influência desse avô se tenha o menino tornado durante certo período tão aferradamente religioso, a ponto de aos sete anos ter pedido licença aos pais para ingressar na irmandade de São Benedito, santo de sua especial devoção. A esse tempo era assíduo frequentador de igrejas, e por ocasião das cerimônias da Semana Santa impressionava-se profundamente com os padecimentos de Jesus Cristo, chegando até — numa flagrante manifestação de misticismo, inesperada no seu temperamento —

a chorar de pena de Nossa Senhora. A medida que foi crescendo, porém, êsses arroubos foram se acalmando.

As festas das igrejas principais de São Luís do Maranhão, em honra de Santo Antônio, São Benedito, Bom Jesus dos Navegantes, Nossa Senhora dos Remédios, foram os grandes espetáculos da infância e da adolescência de Graça Aranha, espetáculos inesquecíveis de que, nos derradeiros tempos de sua vida, se recorda com a mais enternecida saudade. O mesmo acontece às festas populares tradicionais que o encantavam em menino e que êle descreveria com tamanho colorido nas suas derradeiras páginas:

“Não eram somente essas festas de igreja, as novenas, as missas cantadas, as procissões, que divertiam os maranhenses. Para mim, muito acima das festas dos Remédios, havia maior encanto na chegada e no bumba-meu-boi. A chegada é a comemoração da conquista dos portugueses nas terras dos mouros. O Maranhão era bastante luso para compreender e festejar o drama-mistério representado nas ruas da cidade. Seria como um rancho do carnaval carioca. Misturava-se à história e à lenda. Vinham marujos portugueses de uniforme azul e branco carregando a nau catarineta. O capitão-general comandando as tropas, dentro do quadro dos soldados o rei mouro primitivo, mouros e mours escravizados. Um dos pontos em que a chegada representava, cantava e dançava, era em frente a casa de meus pais, sede do maior jornal da terra. Tudo muito severo, quase religioso, no cerimonial. A música dava o ritmo grave às danças. Fados tristes de Portugal combinavam-se com as ásperas melopéias mours. A melancolia fluía nessas músicas da saudade, do cativo e do destêrro. Para quebrá-la, o diálogo por vêzes jocoso do capitão-general e do gajeiro da nau catarineta, disfarçando nas chalaças galegas o terror do destino”.

Outra festa de grande importância folclórica era o bumba-meu-boi, empolgante espetáculo para os meninos, e que também é descrito pelo escritor no seu livro de memórias.

Vejamos, através do seu depoimento, em que consistiam êsses festejos:

“Como uma desforra à chegada portuguesa, o bumba-meu-boi. Pelas ruas frouxamente iluminadas, uma massa sombria, envôlta na luz pesada e fumegante dos archotes, movia-se ao clangor das melopéias bárbaras. Chocalhos batiam ardentes. Eram os únicos instrumentos para as vozes cantadeiras. Os principais personagens do drama, o pai Francisco e a mãe Catarina, puxavam as cantorias. O côro negro mugia soturno, profundo, doloroso: “Eh! bumba, bumba meu boi, boi de fama que Chico matou!” E o boi vinha dançando na algazarra dos vaqueiros e da população. Esse boi seria um herói dos pastos do Piauí, seria o Rabicho da Geralda ou outro famoso touro lendário. Um instante parava o rancho. Representava-se o drama em diálogos e em danças e cantos. O boi sempre dançando, aguilhoado pela vara dos vaqueiros, desafiado pelo pai Francisco, que o ia matar. Mãe Catarina, plangente, entoava a canção da morte. Busca-pés chiavam, esfusiavam, vomitavam jactos de fogo. O boi intrépido dançava, dançava. Os negros do cortejo, pintados de alvaiade e de vermelhão e mais pretos tismados de carvão, pulavam apavorados, em cabriolas com os fogos. O drama continuava dominando o alarido, a confusão, para terminar nitidamente com a morte do boi de fama que Chico matou...”

CAPÍTULO II

ADOLESCÊNCIA

"...essa reserva de pureza que levei para o Recife e que me mantinha em estado de candura."

Menino já crescido, inaugura José em companhia de alguns companheiros um teatrinho, de que era êle o fornecedor de todo o repertório, escrito especialmente para êsse fim. Pequenas peças, cujo assunto era em geral extraído do noticiário dos jornais, ou então das velhas histórias de Militina e Sabino, amaneiradas em cenas curtinhas e ingênuas a que dava o nome pomposo de dramas, nos cartazes em que anunciava o espetáculo aos garotos do bairro.

O teatro era um enorme quarto dando para os fundos do quintal da casa duns tios, cujo filho era o seu principal auxiliar. Juca, por sua vez, era diretor, autor, ensaiador, além de ator importante. Situado num beco tranqüilo, o casarão se movimentava nos dias de representação. O portão do quintal dava passagem a bandos e bandos de meninos e meninas, que acorriam para assistir às vicissitudes e heroísmos dos personagens do dramaturgo de calças curtas. Depois, acalmados os aplausos, extintas as emoções e as palmas, os assistentes se iam dispersando, enquanto os atores mudavam de roupa às pressas e lavavam os rostos pintados para a representação. O quarto recaía na penumbra e no silêncio, o portão do quintal se fechava pesadamente sôbre o último retardatário, até o espetáculo da próxima semana.

Também importantes acontecimentos da infância e da adolescência do futuro escritor, eram as temporadas que a família costumava todos os anos passar num sítio que possuía à beira do rio Anil, no Caminho Grande, para onde a viagem era já uma festa ansiosamente esperada. Pois, se alguns membros da família iam de trem, levando uma volumosa bagagem e acompanhados pela criançada e pelas criadas, outros iam de barco rio acima. Mocinho, José fazia parte deste grupo, o que constituía uma esplêndida aventura. No sítio, os dias decorriam entre brincadeiras, correrias e a gostosura dos cajus, goiabas e mangas que pendiam das árvores em profusão nessa época do ano, além das guloseimas típicas que o mulhério preparava o dia inteiro: pamonhas, canjica, manaués, alçaçar, mingaus, rebuçados, pipocas, broas, milho verde assado e cozido, bolos de toda espécie. De noite a fogueira estralejava em frente à casa. E aí a criançada e mesmo os adultos, entre conversas e risadas, assavam batatas doces e castanhas de caju, e se entregavam de bom grado às distrações ingênuas de sortes, jogos e histórias.

Assim também eram as férias que passavam em outro sítio das imediações de São Luís, denominado "Maioba", pertencente a um amigo do jornalista, certo negociante dinamarquês que muito fez pelo progresso do Maranhão, — Martinus Hoyer. Também aí a vida era uma alegre sucessão de horas agradáveis, pois além da parentela e da famulagem, acorriam convidados para fazer companhia aos amigos durante a temporada inteira, já que a casa era enorme e a todos acomodava hospitaleiramente. Até a gente cabocla das redondezas se animava com essas vilegiaturas. E à noite chegavam das vizinhanças grupos de matutos, respeitosos e cheios de cerimônia, a fim de cumprimentar os fofasteiros e homenageá-los com toadas e toques de viola. Homenagem que era, aliás, gentilmente retribuída com farta distribuição de bolos e queimados e, principalmente, com muita cachaça.

Foi numa dessas temporadas do "Maioba" que o menino apanhou uma das mais sérias moléstias que até então sofrera: o impaludismo, de que demorou a sarar e que chegou mesmo a lhe abalar o sistema nervoso, deixando-o de certa forma com o organismo alterado por muitos meses.

Todavia, a mais funda de quantas impressões recebeu por êsse tempo foi sem dúvida o contato com os bandos de retirantes nordestinos que, tangidos pela sêca de 1877 a 1880, uma das mais cruéis que assolaram o Nordeste, passavam pelo Maranhão em demanda de regiões mais propícias, não atingidas pelo flagelo da soalheira. Ao vê-los, miseráveis, esqueléticos, esfarrapados, reduzidos a pele e ossos, curtidos de fome e sede, arrastando atrás de si a filharada e carregando em trouxas os molambos, o menino sensível e bom, horrorizado ante o espetáculo, se apiedou profundamente. Mas, ao mesmo tempo, se sentia atraído e fascinado por aquêles estranhos e pobres seres. Era de vê-lo, menino de família de prol, neto do presidente da província, com suas roupas cuidadas e finas e suas maneiras esmeradas, a acompanhar pelas ruas da pequena São Luís os bandos de famintos e pedintes, ou então a se postar junto dêles no lugar onde a maioria se acumulava atropelada e resignadamente — uma enorme obra em construção, situada no largo da igreja da Sé, e destinada a ser o palácio episcopal. Aí, sem fazer caso da falta de higiene e até mesmo das doenças que atormentavam os desgraçados, durante horas e horas Juca devorava as narrativas de alguns mais loquazes que, arrastadamente, entre lamúrias, e até mesmo com certa vaidade simplória, iam contando as tristes aventuras de suas longuíssimas caminhadas, as lutas contra a fome e a sede, a morte e as doenças, e as vantagens e a fartura sempre exageradas da existência passada na terra natal, antes que o flagelo os tivesse obrigado à sinistra retirada.

Anos passados, já velho e doente, ei-lo que recorda ainda êsses primeiros contatos com a atroz realidade ecológica e social do Nordeste:

José

“Eles foram se familiarizando comigo. Ouvia-lhes, deslumbrado, a narrativa das suas venturas nos campos fartos de carne e leite e chorava com os lances tenebrosos da maldição da sêca. E que esperança tenaz e milagrosa de voltar à terra novamente molhada, verde, verde! A linguagem cantante, estropiada, os nhor sim e nhor não, os quero não, chove não, me descansavam da fria correção lusa dos maranhenses. Era gente de tipos diversos, caboclos, ciganos, aços, louros. Nenhum prêto. Raça de gente livre que jamais conhecera a escravidão, gente tôja aventureira, jogada perpétuamente entre a abundância e a fome. Sabiam esquecer a desgraça, podiam rir e cantar canções sertanejas de vaqueiros, desafios de vagabundos, melopéias ciganas. Ouvindo-os contar e cantar, eu imaginava o sertão. Eu quisera partir para lá com êles, viver-lhes a vida arriscada, ardente, plebéia, evadir-me da ponderação burguesa da minha terra. Seguramente, êsse contato diurno e longo com a miséria dos retirantes, remexendo-me o coração, revoltando-me, abriu em mim a fonte da piedade que mais tarde se transmudaria no fecundo sentimento da solidariedade humana”.

* *
*

Entretanto, estava se aproximando uma nova e importantíssima etapa da vida do rapazinho maranhense. Concluídos os preparatórios, sempre com aquêlê brilho e aproveitamento excepcionais que o cercaram desde os bancos da escola primária e que revelavam a sua esplêndida formação intelectual bem como o seu amor aos estudos, resolveu o pai enviá-lo para Pernambuco, a fim de se matricular na Faculdade do Recife. Iria residir longe dos seus não obstante ser tão jovem, o que denotava a confiança que inspirava ao pai, conhecedor do seu senso de responsabilidade e das suas já sólidas qualidades de caráter.

Em verdade, muito precoce, José aos treze anos parecia um rapaz, com suas maneiras sensatas e distintas, sem que isso todavia lhe desse nenhuma afetação ou atitude me-

nos simpática. Pelo contrário. Era espontâneo e simples, bem educado e cordial com toda gente, comedido e discreto. Mas, amando os pais acima de tudo e tendo bem viva a noção da confiança que infundia ao progenitor, tudo preferiria ao fato de desmerecer do bom conceito em que era tido e decepcionar o seu melhor amigo, aquêle que fôra o seguro guia de sua infância e agora de sua adolescência e mocidade próxima.

Com grande sensação para os parentes e amigos, dada a extrema juventude do estudante, foram feitos os preparativos para a viagem, na qual seria acompanhado (com enorme regozijo das duas partes, nem é preciso dizer) pelo fidelíssimo Sabino. Roupas, livros, papéis, tudo verificado e acomodado numa grande mala pela já saudosa Sinhá Graça, que não esquecera uma farta reserva de doces e gulodices especialmente preparadas, eis que chega afinal o dia aguardado com emoção pela família inteira.

De fato, era um importante acontecimento. E o era, de modo especial, para o rapazinho, que do aconchego do lar onde vivia à sombra do pai e na doçura duma família patriarcal, ia ver-se dum momento para outro às voltas com um mundo completamente desconhecido, desde a cidade do Recife — que seria uma verdadeira capital, em comparação à pacata São Luís — até as pessoas com as quais conviveria, os colegas estudantes, todos mais velhos e naturalmente dotados de educação e temperamentos os mais diversos. Tudo isso, se considerarmos que se tratava dum rapaz de treze anos e meio, criado de maneira retraída, num meio conservador e cheio de preconceitos, constituía realmente uma autêntica revolução.

Atordoadado por todos êstes pensamentos que deviam de antemão se entrechocar em seu cérebro perturbado por tantas emoções simultâneas, eis que, acompanhado por Sabino, embarca êle no vapor que o devia conduzir ao Recife, primeira etapa de sua existência que então se distanciava da casa-grande do Largo do Palácio.

Viagem meio irreal, entre as impressões que o assoberbavam, ainda tendo nos olhos o grupo querido que o acompanhara ao embarque, entre o qual avultavam os semblantes do pai e dos irmãos, todos também comovidos, e os novísimos e sempre renovados aspectos da travessia e da existência de bordo. Ora extasiado pela beleza do mar alto que ainda não conhecia, ora se debatendo na detestável indisposição do enjôo, tinha contudo a assisti-lo o desvêlo de Sabino, — êsse sim, como um peixe n'água desde a manhã até a noite. Não queria outra vida, êle, amigo do oceano e dos rios, conhecedor das manhas das águas e dos peixes, entendedor de ventos e de nuvens, integrado naqueles elementos como se dêles fôra parte.

Para comemorar a esplêndida aventura dessa viagem em navio, que para êle — Sabino — habituado a pequenos barcos e canoas, devia parecer um maravilhoso palácio flutuante, o pajem preparou uma surpresa a ser apresentada ao seu menino logo que deixassem o pôrto de São Luís. Assim pois, nem bem se perderam na distância os últimos contornos da velha cidade, eis que se retirou sorratamente para o camarote que ia ocupar com o estudante, que continuava na amurada com os olhos perdidos ora nas ondas azuis, ora no horizonte esfumado, e tratou de se preparar com todos os requintes do capricho que ensaiara carinhosamente. Daí a pouco ei-lo que se apresenta ao patrãozinho, que, a princípio pasmo, não pôde conter o riso em breve propagado a todos quantos por ali andavam. É que Sabino envergava garbosamente uma autêntica e bonita vestimenta de pirata: "Todo de branco, com uma larga faixa vermelha, carapuça vermelha, trazendo dependurada na faixa uma grande faca com bainha de couro. O ser imaginativo que era Sabino, compusera aquela fantasia, segundo a imagem de algum quadro".

Não tardou, porém, que o bom corsário fôsse intimado pelo capitão a recolher para dentro da mala o seu belo e decorativo punhal, fato que o transformou num pirata inofensivo e desapontado; e isso não sem os mais indignados e veementes protestos.

Foi pois cuidando de José que, embora acicatado pela curiosidade de tantas novidades em perspectiva, ainda continuava entristecido pela lembrança das lágrimas da mãe ao se despedir d'êlé em casa, sem coragem de acompanhá-lo, e pelos olhos também úmidos do pai a se fazer de forte ao abraçá-lo no cais. Isso, ainda de permeio com uns restos de enjôo. Só mesmo Sabino conseguia distraí-lo, inventando assuntos e notícias sempre renovadas, e lhe levando a cada passo refrescos e frutas.

Três dias passados, aporta o vapor em Fortaleza, a pitoresca capital do Ceará, onde descem os passageiros a fim de dormir em terra, já-que sòmente no dia seguinte prosseguiriam a viagem. Essa permanência representou uma sensacional aventura para os nossos dois maranhenses — o jovem estudante e o seu fiel pajem — que se divertiram à larga em passeios pela cidade. Esta, segundo confessaria mais tarde o escritor, por ser demasiado diferente de São Luís, lhe pareceu uma terra exótica e distante, assim como se fôra Marrocos por exemplo, com uma população que para o seu devaneio sempre pronto a colorir as coisas, lembrava beduínos e ciganos em quantos passavam. Afinal, era o mundo que se ampliava diante de seus olhos e de sua esperança iluminada diante da vida.

Proseguindo a viagem, chegam à Paraíba, onde embarcam muitos rapazes destinados como êle à Faculdade de Direito do Recife, a qual, sendo uma das duas únicas do Brasil de então, atraía a mocidade de todo o Norte, como se fôra uma Coimbra, ou uma Salamanca tradicionalmente insignes. Com a rapaziada a tumultuar a vida de bordo, entrou êle em contato com alguns elementos de sua nova existência. E, diga-se de passagem: não foram dos mais agradáveis, pois o menino bem educado e crescido num lar cheio de pureza, logo se escandalizou com a linguagem desbocada e livre da maioria daqueles moços brincalhões e sem preconceitos, que deviam naturalmente achar muita graça no colega menino, retraído e arreado, além do mais acompanhado por um pajem desempenado e vestido de pirata!

Afinal, após uma viagem que de certa forma foi o pórtico duma vida nova, o preâmbulo duma grande aventura, eis que o vapor se aproxima do Recife, a Meca dos sonhos de tôda aquela juventude estouvada ou perplexa.

Nem bem desembarcados, dirigem-se os dois apressadamente ao enderêço que lhes dera o jornalista Temístocles, que em carta apresentava o filho a um moço estudante seu conhecido, já adiantado no curso, ao qual o recomendava encarecidamente. Solicitava-lhe o favor de o receber na mesma "república" onde morava e de zelar por êle de modo particular, tendo sempre em vista a sua pouca idade. Assim procedendo, o pai julgava a inexperiência de Juca bem protegida e amparada. Todavia, nem por sombra imaginaria que justamente tal companhia é que viria a atormentar o menino, pelos maus hábitos e desbocamento de linguagem.

De fato, daí por diante foi um verdadeiro tormento para o rapazinho a presença dos companheiros de casa, tão diferentes dêle e tão alheios aos seus ideais e ambições. Enquanto seus desejos giravam em tórno do espírito, ansioso por entrar em contato com os mestres que já conhecia pela fama que transpunha os limites do Recife, nomes acatados nas letras, nas ciências jurídicas e na filosofia, os colegas só pensavam em se divertir e se entregar a tôda sorte de brincadeiras e excessos. O recato e a boa educação do rapazinho se chocavam a tôda hora com seus estabanados e gozadores companheiros de residência. E Sabino, atento às funções de sombra protetora, êsse sim, desempenhava a rigor a sua missão. Chegou a ponto de se atracar com mais de um estudante que tentava apossar-se das boas roupas e objetos finos pelo jovem trazidos de casa, e de que tão desveladamente cuidara durante meses de preparo a bondosa Sinhá Graça.

A chegada ao Recife pode ser considerada como o ponto de partida duma nova existência para Graça Aranha e o seu desarraigamento do meio familiar para os primeiros encontros com o mundo. Êsse fato ainda mais precipitou o desabrochar do seu caráter, imbuindo-o dum senso de responsabilidade verdadeiramente adulto no que se relacionava com a nova

situação. Haver sido mandado, em tão verdes anos, estudar longe dos seus, numa cidade cheia de solicitações e incentivos aos descaminhos como poderia ser então o Recife com a sua vultosa população de estudantes, representava em verdade a melhor prova da confiança que inspirava ao pai. E daí a constante preocupação que o obsidiava de não desmerecer da mínima forma tal sentimento honroso.

É êle próprio quem nos conta mais tarde que, tendo prometido ao pai jamais se recolher depois das nove horas da noite, se via às vêzes em sérias dificuldades para cumprir à risca essa promessa. Pois, estando no melhor duma festa em casa de famílias conhecidas, acontecia ouvir de repente no sino duma igreja as nove badaladas de advertência. Levantava-se precipitadamente, desculpava-se como podia e retirava-se. Mas tinha de vencer a resistência dos companheiros, dos donos da casa e, principalmente, os rumorosos protestos das mocinhas, que lamentavam em côro a retirada prematura do belo e juvenil estudante. Era preciso inventar verdadeiros ardis para conseguir cumprir a palavra empenhada.

Mas, enquanto a largos passos se recolhia para a sua "república", não sem alguma pena por ter interrompido o serão e deixado a agradável companhia, consolava-o a lembrança do pai e a convicção de que, como um homem, cumprira a sua promessa.

Assim já era desde então o caráter de Graça Aranha.

É fácil imaginar as primeiras reações do rapazinho de treze anos e meio no tumulto da estudantada, êle que estava habituado à tranqüilidade da sua cidadezinha natal e da velha mansão familiar onde, já denotando uma personalidade diferente dos irmãos e de outros meninos da sua idade, escolhia de preferência os lugares ainda mais isolados para ler e escrever. Quão longe estava agora das tardes solitárias em que se embestia nas aventuras de D. Quixote e do seu pacato escudeiro Sancho Pança, aboletado no telhado da casa-grande, como num mirante! Que profunda nostalgia devia então possuí-lo, assim como ao bom Sabino, que se sentia desterrado!

Bem depressa, porém, se afez êle ao ambiente do Recife. E isso pela compensação que aí encontrava para o seu espírito ávido de aprender e de se enfronhar nos assuntos e debates de ordem intelectual, o que era essencial para quem desde a infância se tomara pela sêde de conhecimento e pelo desejo de progredir. O Recife em breve se tornou o verdadeiro centro pelo qual ansiava. Enquanto no Maranhão se sentia abafar na limitação do meio provinciano e conservador, com professôres antiquados, formalistas, imbuídos dum tradicionalismo exclusivista e estreito, para os quais uma idéia nova representava um sacrilégio, uma heresia, a capital de Pernambuco — com o seu meio agitado sempre em ebulição — contava entre os mestres da mocidade acadêmica alguns dos mais brilhantes e esclarecidos cérebros da inteligência brasileira de então.

Mas a fascinação máxima, o entusiasmo total e absorvente, quem o exercia era, acima de todos os demais, o grande Tobias Barreto. Verdadeiro guia da mocidade, tinha além da possante cerebração e da formidável cultura, a magia da palavra fácil e vibrante, que arrebatava e convencia. Mais de quarenta anos depois, Graça Aranha — já escritor consagrado — ao falar dêle ainda se empolga. E não hesita em escrever estas palavras: "Ninguém trouxe tamanha contribuição à cultura neste país. Pela vastidão da inteligência, pela atualidade da orientação, pelo realismo no pensamento, pela instrução dos novos valores científicos e literários, pelo desassombro, pela dialética, Tobias Barreto foi o maior homem do Brasil até hoje, não excedido, nem mesmo igualado por nenhum outro".

Absorvido pelo estudo, devorando os livros e a palavra dos mestres, o estudante via diàriamente ampliar-se o âmbito do seu espírito e da sua cultura. Seu cérebro aparelhava-se para as lides empolgantes para as quais nascera. Mais jovem do que todos os colegas, nenhum era mais fervoroso nas discussões intelectuais ou políticas, em qualquer assunto em que estivesse em jôgo o primado das idéias e dos problemas humanos. Graça Aranha desabrochava para as letras sem os

pieguismos inconseqüentes da maioria dos jovens daquele tempo. Já se prenunciava nêle uma forte personalidade que iria construir o cabedal das próprias idéias, ou seja — um autêntico homem de pensamento.

É indispensável recordar aqui um dos passos mais importantes da sua formação intelectual: o encontro com Tobias Barreto, já que tal acontecimento foi um marco na história de sua inteligência, o ponto de partida duma influência que, transformada em culto, o acompanharia a vida inteira.

Cursava êle ainda o primeiro ano de Direito, quando na velha Faculdade se abriu concurso para o preenchimento do cargo de lente substituto. O fato era do maior interesse para os estudantes, principalmente para os calouros, visto que aquêles que lecionavam as matérias do primeiro ano eram velhos professôres muito respeitados, porém desprovidos das qualidades indispensáveis ao verdadeiro professor: clareza de exposição, capacidade de transmitir aos alunos as idéias em jôgo e, principalmente, aquêle fluido arrebatador que incentiva o conhecimento e induz ao amor pela matéria ensinada. Ao contrário. Quase tôdos êles eram monótonos, pesados e confusos. Por isso, a perspectiva dum grande professor arrebatava os moços que acompanhavam os trâmites do concurso como um espetáculo sensacional.

Mas, a causa principal dêsse interesse fora do comum era que entre os candidatos figurava Tobias Barreto, já então um ídolo da mocidade do Recife. O concurso passou, portanto, a apaixonar todos os espíritos. Deixemos, porém, que o próprio Graça Aranha narre o episódio, como dissemos — uma das passagens de maior importância dêsse período de sua vida:

“Imediatamente Tobias Barreto se tornou o nosso favorito. Para estimular essa predileção havia o apoio dos estudantes baianos ao candidato Freitas, baiano e cunhado do lente Seabra. Tobias, mulato desengonçado, entrava sob o delírio das ovações. Era para êle a admiração tôda da assistência, mesmo a da emperrada Congregação. O mulato feio,

desgracioso, transformava-se na argüição e nos debates do concurso. Os seus olhos flamejavam, da sua bôca escancarada, roxa, móvel, saía uma voz maravilhosa, de múltiplos timbres, a sua gesticulação transbordante, porém sempre expressiva, completando o pensamento. O que êle dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na inteligência brasileira e nós recolhíamos a nova semente, sem saber como ela frutificaria em nossos espíritos, mas seguros que por ela nos transformávamos. Esses debates incomparáveis eram pontuados pelas contínuas ovações que fazíamos ao grande revelador. Nada continha o nosso entusiasmo. A Congregação humilhada em seu espírito reacionário, curvava-se ao ardor da mocidade impetuosa. Prosseguíamos impávidos, certos de que, conduzidos por Tobias Barreto, estávamos emancipando a mentalidade brasileira, afundada na teologia, no direito natural, em todos os abismos do conservantismo. Para mim, era tudo isto delírio. Era a alucinação de um estado inverossímil que eu desejava, adivinhava, mas cuja realização me parecia sobrenatural. Tobias Barreto fez a sua prova de preleção oral. O orador atingiu para a minha sensibilidade ao auge da eloqüência. Quando terminou, recebeu a mais grandiosa manifestação dos estudantes, a cujo entusiasmo aderiram os lentes, unânimes. Foi então que, tomado de um impulso irreprimível, saltei a grade e por entre as aclamações dos estudantes e diante do assombro da Congregação, atirei-me aos braços de Tobias Barreto, que me recolheu comovido e generoso. "Já é acadêmico?" perguntou-me, admirado da minha pouca idade. "Sim, calouro." Abraçou-me novamente. "Pois bem, vá à minha casa esta noite." Que deslumbramento! Não voltei aos meus colegas. Fiquei por ali mesmo, metido em algum canto da sala da Congregação e saí acompanhando, como uma pequenina sombra, o Mestre. À noite, eu estava em sua casa em Afogados. Nunca mais me separei intelectualmente de Tobias Barreto".

MOCIDADE

*"O meu secreto e íntimo prazer é afirmar a
minha libertação."*

A partir do encontro com Tobias Barreto ainda mais se modificou a vida de José Pereira da Graça Aranha, que passou a girar quase que exclusivamente em tórno da fascinação do mestre, que a exercia de fato nos discípulos, desenvolvendo-lhes o entusiasmo pelos grandes problemas do espírito humano, pelas coisas belas da inteligência e da arte. Nesse convívio, era natural que dia a dia se fôsse robustecendo o já brilhantíssimo talento do estudante, que desde então passou a tomar parte em todos os movimentos de idéias que se processaram no Brasil e, de modo particular, no seio da classe acadêmica do Recife.

Foi assim que, dentro em breve, o seu forte sentimento de repúdio a qualquer forma de opressão, o seu inato senso de justiça, o seu instinto de solidariedade humana, a sua paixão na defesa dos fracos e dos oprimidos, a sua revolta contra as desigualdades sociais, o levaram a enfileirar-se nas hostes abolicionistas de que passou a ser fervoroso adepto, formando entre os elementos acadêmicos mais exaltados na luta contra os escravocratas. Fato digno de nota foi ter sido êle, entre os inúmeros rapazes maranhenses que então cursavam a Faculdade do Recife, o único que se afoitou a enfrentar o conservantismo da sua província natal, baluarte das forças reacionárias contra o novo credo liberal que começava a empolgar as consciências.

Entretanto, em meio a êsse tumultuar de idéias novas e apaixonantes, a êsse entrechoque de doutrinas e opiniões avançadas e caducas, em meio a essa efervescência tão grata ao seu espírito que detestava a estagnação e o conformismo, conclui êle o seu primeiro ano de Direito, destacando-se entre os colegas de curso, sendo já uma figura cheia de brilho e simpatia que despertava geral admiração tanto pelo talento como pela finura de maneiras, mas principalmente pelo corajoso desassombro de atitudes.

Terminados os exames, arrumadas as malas, ei-lo que, sempre acompanhado pelo fiel Sabino, embarca de volta ao Maranhão, onde o aguardavam a saudade e a admiração dos seus, esta despertada pelo seu êxito nos estudos e pela forma absoluta com que soubera corresponder à confiança paterna, através dum procedimento irrepreensível.

De novo em São Luís, passadas as naturais expansões das primeiras horas e a troca de impressões e novidades, não tardou a verificar quanto se distanciara em poucos meses do acanhado meio provinciano de sua terra natal. Já lhe fazia falta a ebulição intelectual e social do Recife, em que tôdas as correntes de idéias repercutiam, num ambiente arejado e propício ao debate e ao progresso. O inato senso de rebeldia de Graça Aranha se rebelava contra aquêle predomínio incontestado dum conservantismo incapaz da menor evolução.

E para fugir ao desgosto de tal ambiente, o estudante em férias passou a se refugiar no lar ainda mais, pois aí a mentalidade adiantada do pai lhe permitia uma constante e livre troca de opiniões, o que lhe era sumamente grato. Entre a inteligência esclarecida do velho jornalista e a ternura repousante de Sinhá Graça, em companhia dos irmãos e gozando as delícias do bom conforto doméstico — doces, bolos, quitutes, longas conversas, tranqüilas leituras — foram-se escoando essas primeiras férias do curso acadêmico.

Depois, novamente, a partida para o Recife. Já agora, porém, sem as amarguras e as lágrimas recalçadas da primeira vez. Agora, não obstante a sua extrema juventude, era de fato um rapaz, pela desenvoltura e pelo desempenho, pelo desembaraço e pela segurança com que encarava as situações e os fatos. Forte, bonito, bem educado, sem falarmos na prematura auréola de inteligência e cultura que o cercava, natural era que se visse rodeado de estima e boa vontade onde quer que se apresentasse, disputado por amigos e pelas famílias pernambucanas, sabendo tratar moços e velhos, meninas e senhoras, dotado como era dum especialíssimo dom de simpatia e comunicabilidade.

Para completar a aclimação, a partir do segundo ano do curso de Direito, o Recife não tinha mais segredos em sua topografia e em seus encantos naturais para o jovem maranhense. Passeava a pé pela cidade inteira, deliciava-se com a serena beleza das pontes, com as paisagens pitorescas do Capiberibe, com os agradáveis e alegres banhos em Apicucos e Caxangá, com as longas caminhadas pelos arredores da cidade, em companhia dos colegas mais íntimos. Festas, jantares, reuniões, não faltavam também nas melhores residências, onde a música animava os serões com modinhas cantadas ao violão e ao piano, declamações e danças sempre apreciadas.

A par disso, havia as lutas de correntes políticas dentro da própria Faculdade, a maioria delas norteadas pelo debate abolicionista que cada vez mais ia apaixonando os espíritos, e de preferência as classes culturais.

Não tardou, porém, que outra ordem de idéias, igualmente poderosa, passasse a sacudir e a incendiar a tradicional Faculdade, como reflexo das agitações que se propagavam pelo Brasil inteiro. Era o avanço da idéia republicana que ia tomando de assalto as mentalidades mais progressistas, não obstante a pertinácia dos adeptos do trono, principalmente numerosos entre os barões escravocratas, os grandes fazendeiros e senhores rurais, cujos filhos eram mui-

tas vêzes exaltados abolicionistas e republicanos, mercê do ambiente avançado das nossas escolas superiores de então.

Estava na lógica do seu temperamento e da sua formação liberal que Graça Aranha seria dos mais ardorosos defensores da idéia nova. Rebelde por natureza, apto a compreender e assimilar qualquer forma de progresso, quanto mais alto se erguesse a onda de oposição dos monarquistas, maior seria a paixão com que êle se empenharia na propaganda do novo credo político.

Brilhantíssimo era o grupo em que nessa época vivia e se agitava o estudante predestinado. Algumas das mais importantes personalidades do seu tempo valorizavam o ambiente intelectual do Recife. Entre elas, como astros de primeira grandeza e como líderes das diversas correntes, além de Tobias Barreto, figuravam o poeta Martins Júnior, Viveiros de Castro, Clóvis Bevilacqua, Artur Orlando, Gumerindo Bessa, Fausto Cardoso, Faelante da Câmara, Urbano Santos, Sousa Bandeira e muitos outros nomes de prestígio. Êste grupo, chefiado por Tobias Barreto — do qual era Martins Júnior o principal discípulo — viria a formar, com o grande Sílvio Romero, a chamada "Escola do Recife", de tamanha importância nos anais da inteligência brasileira.

Assim foi decorrendo o curso acadêmico do estudante excepcional, intercalado pelas férias no Maranhão, entre o estudo das matérias do currículo, a leitura das melhores obras de literatura e de história, e a propaganda e o debate das idéias mais em voga no tempo, pois que o espírito de Graça Aranha não poderia em absoluto permanecer à margem da correnteza social e política, nem deixar de se entregar com todo ardor ao proselitismo mais eficiente. Dessa maneira se ia realizando o desenvolvimento ascensional daquela inteligência extraordinariamente vivaz.

E eis que, assim tão moço, pois contava dezenove anos incompletos, se viu graduado em Direito e apto a ingressar na vida profissional que voluntariamente escolhera.

Coroou-se dessa forma a enorme série de êxitos da sua juventude.



Nem bem formado e feito o natural estágio de descanso na cidade de São Luís do Maranhão, no velho e cada vez mais querido solar da família, entre o carinho orgulhoso dos seus e a consideração do vasto círculo de relações e parentes, o moço Graça Aranha se apressa a entrar em contato com a realidade da vida prática e de outros ambientes diversos. Impelia-o a curiosidade pelos múltiplos aspectos do Brasil. Sua inteligência imbuída de teorias e cogitações de ordem especulativa, ansiava por uma oportunidade de trato direto com os problemas do povo e da nação. Seu espírito alerta e seus olhos de observador queriam afinal se aprofundar no emaranhado da realidade brasileira, que se oferecia, complexa e vária, ao interesse dos homens dotados da sua aptidão, capazes portanto de indicar caminhos novos para o futuro das gerações.

Nomeado para o cargo de promotor público num lugarejo do interior, de que foi algum tempo depois removido para outro, após êsse tirocínio com a vida e as leis se viu habilitado a assumir o lugar de juiz municipal de Pôrto do Cachoeiro, no Espírito Santo, onde iria enriquecer o seu cabedal de experiência ao contato duma população inteiramente nova para êle. E isso porque nessa região predominava entre os trabalhadores um forte núcleo de colonização alemã, ali estabelecido havia muito tempo, inserindo na paisagem humana brasileira problemas sociais muito interessantes para Graça Aranha, ávido de conhecer o interior do país em todos os seus aspectos mais característicos.

Êsse estágio em Pôrto do Cachoeiro viria a ser da maior importância na sua existência. Pois aí colheu o material de observação para o seu primeiro livro, o romance *Canaã*, obra das mais relevantes das nossas letras, e que escreveria

mais tarde, depois dos trinta anos, com a experiência literária já sedimentada e senhor dum grande estilo, dos mais belos dentre os escritores seus contemporâneos.

Foi depois ocupar o mesmo cargo no município de Campos, na província do Rio de Janeiro, onde o surpreendeu a proclamação da república, a 15 de novembro de 1889. Tempos depois, foi demitido de maneira arbitrária por ter, num dos seus típicos gestos de independência e coragem, divergido publicamente dum ato do Governo Provisório.

Todavia, era quase certo que Graça Aranha não permaneceria mesmo por muito tempo na carreira que adotara logo depois de formado. O Rio de Janeiro o atraía. E, depois, ainda outros horizontes mais amplos se rasgariam diante dêle, numa invejável perspectiva a que faziam jus os seus méritos. Não demoraria muito que ingressasse na carreira diplomática, na qual estava destinado a ocupar cargos importantíssimos e que lhe possibilitariam a oportunidade das viagens e, mais que isso, de longas permanências no estrangeiro, em face de todos os aspectos da civilização contemporânea e das grandes personalidades do seu tempo. De então em diante cada vez mais se aceleraria o ritmo de sua existência.

É de se supor a impressão que a Capital Federal deve ter causado ao jovem bacharel vindo da vida pacata e modorrenta de São Luís e de pequenas cidades do interior. Embora já conhecesse o Recife, teve de passar do ambiente ainda de casa-grande e Academia de Direito, do estégio em lugares ainda mais sonolentos, para a paisagem e a vida diferentes da Capital, que, já naquele arfar de quase fim de século, constituía um encantamento urbano bem famoso entre a Baía e o maciço da Serra da Carioca, não obstante os períodos críticos da varíola e da febre amarela.

O Rio de Janeiro que o bacharel José Pereira da Graça Aranha conheceu ao chegar era um conglomerado colonial e imperial, cuja fisionomia ibérica no trópico só muito mais tarde, no comêço do outro século, seria alterada por Pas-

sos, Bicalho, Müller e Frontin, ao tempo da presidência Rodrigues Alves. Portanto, nada de avenidas, nem no centro nem à beira-mar; nada de docas, nem de iluminação elétrica (que só viria em 1891, e isso mesmo para o centro da cidade), nem de bondes elétricos (pois a C. F. Carril Jardim Botânico só começaria em 1892). Não. O Rio com que êle travou conhecimento não era urbanisticamente uma metrópole. Até os nomes de suas ruas ainda tresandavam a vielas mediterrâneas — como a Rua dos Latoeiros, a Rua dos Pescadores e tantas outras de pitorescas designações. Era a cidade rodeada por paróquias antigas, cheias de mato e de chácaras, bem diferentes dos populosos subúrbios de hoje, que conservam os curiosos nomes de então — Engenho de Dentro, Encantado, Piedade, Cascadura, Bom Sucesso, Jacarepaguá. Era o Rio cujo centro é difícil de recompor agora, principalmente em seus hábitos de vida diurna e noturna.

Mas Graça Aranha, ao chegar à capital, como sucede a tantos moços, não tardou a se aclimatar a essa paisagem e a essa vida social cuja evolução terá hoje como núcleos certas lembranças que se vão esmaecendo: o antigo Teatro São João, o Teatro Lírico, o Eldorado, o Alcazar, o Fênix Dramático...

O Rio antigo dos jornais conservadores e das fôlhas republicanas cuja citação — *Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, A cidade do Rio, O Combate, O Globo, A República, O Século* — nos faz pensar em sobrecasacas e cartolas, tálburis e caleças, e cujos redatores mais em voga — Pardal Mallet, Carlos de Laet, Luís Murat, Lopes Trovão, José do Patrocínio, Quintino Bocaiúva, Alcindo Guanabara, Francisco Glicério, Medeiros e Albuquerque — eram de certo para o jovem bacharel modelos de atividade e combate, boêmia e personalidade.

Era o Rio de Janeiro sem viajantes de turismo, com fazendeiros, coronéis, comendadores e políticos morando no *Hôtel d'Europe*, no *Hotel Pharoux*, no *Hôtel du Louvre*, no *Hotel do Globo*, e cujos restaurantes iam desde a fama do

João

Renaissance e dos *Frères Provençaux* até ao *Irmãos Labarthe* e ao *Stadt Coblenz*. O Rio dos cafés famosos por suas rodas literárias e boêmias, como o *Java*, o *Cascata*, o *Café do Rio*, e, principalmente, o *Café de Londres*. Cujos centros de maior movimento à tarde eram a rua do Ouvidor, a rua dos Latoeiros e o Largo de São Francisco com seus tálburis, sua igreja, sua escola e seu ponto de bondes puxados por burros, para Vila Isabel e Andaraí Pequeno...

Era o Rio de Janeiro que lia Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, Júlio Ribeiro, Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa e onde se iam firmando um Coelho Neto e um Artur Azevedo.

* * *

Apesar de sua aclimação na Capital Federal, somente aos vinte e cinco anos foi que Graça Aranha resolveu dar a público o seu primeiro trabalho, uma introdução à obra de Fausto Cardoso, intitulada *Concepção Monística do Universo*. Foi êsse o marco inaugural duma intensa atividade literária, que dentro em breve viria a lume nas páginas da *Revista Brasileira*, periódico de grande importância fundado e dirigido pelo crítico José Veríssimo, e que exerceu sobre o maranhense uma séria influência. A razão de tal influência foi tê-lo introduzido definitivamente nas rodas literárias do Rio de Janeiro, na convivência dos maiores escritores de então, entre os quais se destacavam, como centros de convergência para os moços, Machado de Assis e Joaquim Nabuco, já famosos. A partir dessa época, passaram ambos a formar entre os mais caros amigos de Graça Aranha, assim se tendo conservado até o fim da vida.

O inato e vivaz temperamento literário do moço maranhense se estimulou e se robusteceu em tal companhia, e daí em diante continuou êle a publicar naquela revista uma série de trabalhos de responsabilidade, entre os quais: *O Farol Maranhense*, em que revive à luz do critério histórico

a personalidade e a ação daquele venerado tio-avô que fôra o herói da sua infância — José Cândido de Moraes e Silva, o legendário nativista da saga da Independência; *Crítica à História do Direito Nacional*, de Martins Júnior; *A Revista Brasileira e o Anonimato na Imprensa*; e já enveredando para o campo da ficção, dois contos — *Névoas do Passado* e *Imolação*..

Particularidade interessante a ser anotada é a circunstância de haver Graça Aranha adotado um pseudônimo ao dar a público os dois referidos trabalhos. Usou o nome suposto de “Flávia do Amaral”, provavelmente não muito seguro do êxito dos trabalhos, num gênero novo para êle cujo nome se consolidara com obras de outra natureza. Tinha em mira saber a opinião dos amigos quando êle próprio opusesse reparos às qualidades literárias da desconhecida colaboradora da *Revista Brasileira*. Mas depois, ao ouvir comentários e louvores, e ver a curiosidade despertada pela misteriosa “Flávia do Amaral”, — divertido e lisonjeado — revelou então aos amigos o segredo do pseudônimo e, já tranqüilo, lhes confiou também o projeto literário que começava a empolgá-lo: o plano dum romance de idéias, que viria a ser *Canaã*. Contava então vinte e oito anos.

Ainda na revista de Veríssimo, publicou uma conferência que pronunciara com enorme sucesso em Buenos Aires — *A Literatura Atual do Brasil*.

Era natural que uma vocação legitimamente literária como a sua, os trabalhos publicados e o conceito em que era tido entre a geração velha e a nova (a que pertencia), determinassem a sua inclusão na academia que então se fundou.

De fato, na redação da *Revista Brasileira*, em 1896, Lúcio de Mendonça teve a idéia de que o grupo fundasse uma Academia Brasileira de Letras, nos moldes da que existia na França. À reunião preparatória compareceram, pois, a seu convite, Machado de Assis, Artur Azevedo, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bi-

lac, Pedro Rabelo, José Veríssimo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Valentim Magalhães e o Visconde de Taunay.

O critério adotado, de que era necessário já ter pelo menos um livro publicado para ter ingresso à Academia, ia impedir a entrada de Graça Aranha, tendo porém Joaquim Nabuco servido de fiador de próxima obra do seu novel amigo. Portanto, à seguinte reunião já compareceu êle, bem como Araripe Júnior, Coelho Neto, Teixeira de Melo e Luís Murat.

Fundada a Academia, em janeiro do ano seguinte houve as primeiras eleições a fim de completar o número regimental de quarenta, ainda não totalizado, apesar dos convites a Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, João Manuel Pereira da Silva, Rui Barbosa e Urbano Duarte. Ficou, pois, o conjunto em ordem com a inclusão ainda de Aluísio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Bevilacqua, Domício da Gama, Eduardo Prado, Luís Guimarães, Magalhães de Azevedo, Oliveira Lima, Raimundo Correia, Salvador de Mendonça e Sílvio Romero.

Conforme se vê, houve uma escolha séria de valores do tempo.

Sem sede própria, a Academia vagou por diversos lugares, até que mais tarde, em 1904, se instalou no Silogeu, na praia da Lapa, prédio então recentemente construído pelo governo ao lado do Passeio Público e que deveria abrigar diversas instituições. Isso até que anos e anos depois se acomodasse de maneira definitiva em belo edifício oferecido pela França — o chamado *Petit Trianon*.

Interrompendo esse convívio no grupo da revista de Veríssimo e agora na Academia Brasileira de Letras, o ano de 1899 veio arrebatá-lo Graça Aranha para o estrangeiro, já então usufruindo no Brasil um nome cheio de prestígio, das rodas oficiais e literárias do Rio de Janeiro começando a se irradiar pelo país inteiro.

MATURIDADE

"Vou atravessando a existência como uma fatalidade vencedora."

Em março dêsse ano, ao ser nomeado Joaquim Nabuco para defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Guiana Inglesa, um dos auxiliares escolhidos para com êle cooperar em tarefa de tamanha responsabilidade e de tanta repercussão foi o escritor maranhense, a quem foi confiado o cargo de secretário particular do chefe da missão. Esse cargo viria a ser o início duma carreira em que Graça Aranha se elevaria aos mais altos postos, ao mesmo tempo em que iria realizando a sua obra, por fôrça das circunstâncias a maior parte dela escrita na Europa.

Os últimos dias do século passado vão, pois, encontrá-lo em Paris, ao lado de Joaquim Nabuco então no auge do renome. Nabuco o estima e considera muitíssimo, e em carta a Machado de Assis diz felicitar-se por ter como companheiro e colaborador êsse espírito sempre em contato com as correntes mais avançadas das gerações novas, o que o reaquece e anima — a êle, Nabuco, já provindo de tantas lutas.

Considere-se Paris no último ano do século passado, portanto ao tempo dos preparativos da Exposição Internacional de 1900. Ainda lá estão para evocar tal fato, cujas despesas custaram cem milhões de francos (naquela época!) lançados nos cento e oito alqueires daquele solo célebre, a ponte Alexandre III, o Grande Palácio das Belas-Artes e o Pequeno Palácio... Ainda recentemente, no então chamado Cais da

Conferência, se erguia o Palácio do Trocadero, hoje substituído pelo Palácio de Chaillot, com vista e perspectiva deslumbrantes para o Campo de Marte e a Torre Eiffel. Tudo isso ali junto ao Sena e aos Campos Elíseos!

Imagine-se a impressão que num espírito como o de Graça Aranha deve ter causado aquela cidade! Com trinta e um anos via-se o antigo estudante do Recife no centro do mundo intelectual, donde decerto extraiu com arrebatamento todos os influxos que aperfeiçoaram o seu critério e a sua visão.

Naquela atmosfera já de si empolgante como irradiação histórica e urbanística, com tamanha sedimentação do passado, é de avaliar-se o seu entusiasmo ao ver-se naquele centro, não como anônimo viajante ou bisonho burguês, mas como figura bafejada pelo sortilégio titânico dum Joaquim Nabuco, diante daquele perímetro deslumbrante. A visão dessa cidade que êle tanto amaria, já nesse primeiro período se fixou em suas retinas e em seu cérebro como um decalque atravessado pela alça do Sena. Passa a considerar a vida, o tempo, as realidades, os acontecimentos políticos, os núcleos diplomáticos e literários, de dentro daquele conjunto fascinante que mais tarde, durante a guerra de 1914 a 1918, seria o ambiente de permanência de sua maturidade. O arco do Carrousel, a Étoile, o Instituto de França, os Inválidos, a Madalena, Nossa Senhora de Paris, o Palais Royal, a Praça da Concórdia, os bulevares, a Praça Vendôme, o Louvre, as Tulherias, — seriam marcos dessa topografia insigne.

O espírito de latinidade, os influxos de nomes particularmente amados, devem com certeza ter dado à sua tarefa literária o ensejo dum valorização e dum aprofundamento severos. Imagine-se um literato em potencial, extraído pelo destino dum cidade como São Luís do Maranhão, vendo-se na passagem dum século para outro em pleno paroxismo parisiense! Imagine-se a formidável influência de fôrças como Leconte de Lisle, Banville, Heredia, Zola, Daudet, Maupassant, Bourget, Anatole, Loti, Renan, Taine, Mallarmé,

Rimbaud, Verlaine, — vivos ou mortos! Uma de suas paixões literárias seria Barrès. Uma de suas maiores admirações, Maurras.

Em março de 1900, porém, tendo sido Joaquim Nabuco nomeado ministro do Brasil em Londres, com êle seguiu Graça Aranha a fim de continuar a emprestar-lhe a sua colaboração, tão prezada pelo novo ministro.

Essa permanência na capital da Inglaterra veio a ser de suma importância em sua vida, visto que foi aí, dois anos depois da chegada, que terminou e afinal publicou o seu notável romance *Canaã*, após um lento amadurecimento das experiências no interior do Brasil, quando residira no Espírito Santo, junto da colônia de alemães do Pôrto do Cachoeiro.

Londres! Sim. Após São Luís, berço; após Recife, banco de estudos; após Paris, experiência total — o critério e a severidade dum ambiente como Londres. E Londres ainda do tempo da rainha Vitória. Portanto, uma metrópole com tôda a formidável massa da tradição imperial, arfando ainda sob a imponência do segundo jubileu real da propecta matrona.

Não mais o Capiberibe, nem a Guanabara, nem o Sena. Mas o Tâmisia, com a ponte de Westminster e a ponte de Waterloo, com o Chelsea Embankment e o Victoria Embankment. Londres, cidade gigantesca, tendo como pulmões verdes Hyde Park e Regent Park. Tendo como centro o Piccadilly e a Praça Trafalgar. Tendo ainda em seu mapa as mesmas ruas que êle lera em Dickens: Pall Mall, Drury Lane, Shaftesbury, Bond Street! E a inteligência tropical dum homem nascido em ambientes claros vendo-se no nevoeiro, mas dessa claridade baça tirando — entre sobrecasacas, uniformes, cartolas, bengalas, toucados, capotões, fiacres, carruagens e fachadas severas — a lembrança permanente dum Shakespeare e dum Milton, dum Bacon e dum Goldsmith, dum Swift e dum Sterne! Esse chão severo a lhe trazer a lembrança dum romantismo de evasão, com Byron e Shelley.

E essa própria época Vitoriana, ao tempo já agora das tropéias continentais do Príncipe de Gales, a marcar para Graça Aranha, além de tudo o mais, o império múltiplo do romance, com Dickens, Thackeray, as irmãs Brontë, Stevenson e, mais perto d'ele no tempo, Meredith, Butler e Hardy. Sim, Londres de então, onde se expandiam espíritos como Swinburne, Kipling, Yeats, Galsworthy e Chesterton.

De como soube auscultar esse ambiente, mais tarde Graça Aranha nos deu provas ao escrever as admiráveis páginas em que revive a chegada dos voluntários da City de volta da guerra do Transvaal, a recepção triunfante de Lorde Roberts, o enterro da rainha Vitória, a coroação de Eduardo VII, a despedida da vida pública do velho chefe conservador — o Marquês de Salisbury.

Todavia, colaborador direto e indispensável de Nabuco, e estando este assoberbado pelos trabalhos de sua missão especial na questão relativa ao litígio com a Guiana Inglesa, levado pela qual se via obrigado a viajar constantemente pela Europa, realizou também Graça Aranha uma série de estágios em diversos países, com longas permanências na França e na Itália principalmente. Na excepcional situação de membro duma importante missão diplomática, trabalhando ao lado duma das mais eminentes personalidades do seu tempo, fácil é de supor a existência brilhantíssima que desfrutava, e as grandes e felizes oportunidades que ia deparando de aprimorar cada vez mais a sua já notável cultura e de entrar em contato com os maiores vultos intelectuais, políticos e artísticos da Europa inteira.

Ao aparecer, em 1902, *Canaã* teve de pronto uma enorme repercussão em nossos meios literários, porque vinha de fato renovar o romance brasileiro. Era um livro de idéias avançadas, visando um objetivo social dos mais vastos, cheio de pensamentos próprios e de fôrça criadora, mas ao mesmo tempo vazado num fundo de realidade e observação muito agudas em alguns tipos e cenas. Além disso, escrito num estilo admirável, em que se mesclam sonoridade, poe-

sia e elegância de expressão, veio revelar um dos mais destros maneja-dores da língua portuguesa, pois que, ao lado do sentido social e estético de *Canaã*, aí figuram algumas das páginas estilisticamente mais belas de nossas letras. Fique bem claro, porém, que a sua principal importância decorre de ter sido o pioneiro do romance de idéias no Brasil, suscitando uma série de problemas sobre a futura situação do nosso povo em face das correntes imigratórias e da infinidade de circunstâncias correlatas resultantes desse fenômeno.

Para isso, toma Graça Aranha como principais personagens dois alemães imigrantes, mas homens de cultura, dotados de mentalidades completamente opostas. Situa-os no Espírito Santo, para isso se valendo das antigas observações do tempo em que lá desempenhara o cargo de juiz municipal. Não obstante pôr em foco alguns tipos e fatos autênticos, não procurou de forma alguma fazer um romance realista na acepção que lhe davam. Pelo contrário. *Canaã* enfeixa um grande sentido simbolista, muitas vezes pleno de poesia. Mas, acima de tudo, debate a condição das criaturas na sociedade e no mundo, arejando o livro da primeira à última página um generoso sopro de compreensão e de solidariedade humana. Além disso, propugna a maior integração do homem com a terra, único caminho capaz de — pelo amor e pela piedade — o conduzir à verdadeira e permanente ventura.

Os dois alemães — Milkau e Lentz — são, ao lado de Maria, os principais personagens do livro. Lentz traz de sua pátria uma mentalidade imperialista e violenta, imbuída de ideais de dominação e poderio, com que colide a mentalidade de seu companheiro Milkau, o qual, ao chegar à nova terra em busca de paz e refúgio — a *Canaã* dos seus sonhos — vinha empolgado pelos mais altos intuitos de solidariedade humana. Em todos os homens via seus iguais, amando-os com um amplo amor cheio de perdão e ternura.

Maria Perutz, uma filha de imigrantes, simboliza a Mulher — “traço de união entre o Homem e o Universo” — companheira do Homem no sofrimento e na ventura, ambos ligados pelo amor, visando se completarem pela integração mais absoluta e se projetarem no futuro por meio dos descendentes.

Além dessa programação de tantas idéias de caráter geral, o romancista ainda põe em foco os destinos nacionais através da condição do caboclo em face da onda crescente da imigração européia, que com o decorrer das gerações fatalmente acarretaria a desintegração racial, ou antes um caldeamento, talvez desejável se bem amalgamado em benefício da terra jovem do Brasil. Como ficou assinalado, porém, o principal sentido de *Canaã*, romance de idéias socialistas e de sentido filosófico, é o problema da compreensão e da tolerância dos homens entre si.

Para que se faça uma idéia do estilo em que é realizado o livro, transcrevemos aqui uma página que, como outras, demonstra o grande escritor que foi Graça Aranha. Trata-se da passagem (estilisticamente famosa e citada com frequência em antologias) em que a infeliz Maria, perseguida e apavorada, procura esconder-se na floresta, onde a noite a surpreende:

“Os primeiros vaga-lumes começavam no bôjo da mata a correr as suas lâmpadas divinas... No alto, as estrêlas, miúdas e sucessivas, principiavam também a iluminar... Os pirilampus iam-se multiplicando dentro da floresta, e insensivelmente brotavam silenciosos e inumeráveis nos troncos das árvores, como se as raízes se abrissem em pontos luminosos... A desgraçada, abatida por um grande torpor, pouco a pouco foi vencida pelo sono; e deitada às plantas da árvore, começou a dormir. Serenavam aquelas primeiras ânsias da Natureza, ao penetrar no mistério da noite. O que havia de vago, de indistinto, no desenho das coisas transformava-se em límpida nitidez. As montanhas acalmavam-se na imobilidade perpétua; as árvores esparsas na várzea per-

diam o aspecto de fantasmas desvairados... No ar luminoso tudo retomava a fisionomia impassível. Os pirilampos já não voavam, e miríades dêles cobriam os troncos das árvores, que faiscavam cravados de diamantes e topázios. Era uma iluminação deslumbrante e gloriosa dentro da mata tropical, e os fogos dos vaga-lumes espalhavam aí uma claridade verde, sôbre a qual passavam camadas de ondas amarelas, alaranjadas e brandamente azuis. As figuras das árvores desenhavam-se envôltas numa fosforescência zodiacal. E os pirilampos se incrustavam nas fôlhas e aqui, ali e além, mesclados com os pontos escuros, cintilavam esmeraldas, safiras, rubis, ametistas e as más pedras que guardam parcelas das côres divinas e eternas. Ao poder dessa luz o mundo era de um silêncio religioso; não se ouvia mais o agouro dos pássaros da morte; o vento que agita e perturba, calara-se... Por tôda a parte, a benfazeja tranqüilidade da luz... Maria foi cercada pelos pirilampos que vinham cobrir o pé da árvore em que adormecera. A sua imobilidade era absoluta, e assim ela recebeu num halo dourado a cercadura triunfal; e interrompendo a combinação luminosa da mata, a carne da mulher desmaiada, transparente, era como uma opala encravada no seio verde de uma esmeralda. Depois os vaga-lumes incontáveis cobriram-na, os andrajos desapareceram numa profusão infinita de pedrarias, e a desgraçada, vestida de pirilampos, dormindo imperturbável, como tocada de uma morte divina, parecia partir para uma festa fantástica no céu, para um noivado com Deus... E os pirilampos desciam em maior quantidade sôbre ela, como lágrimas das estrêlas. Sôbre a cabeça dourada brilhavam reflexos azulados, violáceos, e daí a pouco, braços, mãos, o colo, cabelos sumiam-se no montão de fogo inocente. E vaga-lumes vinham mais e mais, como se a floresta se desmanchasse tôda numa pulverização de luz, caindo sôbre o corpo de Maria até o sepultarem numa tumba mágica. Um momento, a rapariga inquieta ergueu docemente a cabeça, abriu os olhos, que se deslumbraram. Piri-

lâmpas espantados faiscavam relâmpagos de côres... Maria pensou que o sonho a levará ao abismo dourado de uma estrêla, e recaiú adormecida na face iluminada da Terra..."

É claro que hoje está completamente abolida do estilo essa excessiva pompa verbal, essa procura do vocábulo precioso e sonoro. O verdadeiro estilista é aquêle que, sabendo exprimir-se com elegância, propriedade e correção, dá aos períodos uma beleza mais concisa e mais sóbria. Entretanto, não se pode negar que Graça Aranha sabia extrair de nossa língua todos os efeitos, com a segurança e a facilidade de um mestre. Não se deve esquecer, porém, que se o autor de *Canaã* amava as belas frases, não fez contudo dessa preocupação a finalidade dos seus livros, todos êles marcados por uma inquietação espiritual que — essa sim — foi a marca mais autêntica da sua obra.

Enorme foi o êxito alcançado por êsse primeiro romance, que lhe marcou um lugar definitivo entre os principais escritores do Brasil, entre os mestres do pensamento nacional, e cuja repercussão ultrapassou os limites da língua portuguesa. Pois dentro em pouco foi *Canaã* traduzido para o espanhol e publicado em folhetins no jornal *La Nacion*, de Buenos Aires. Teve também uma tradução francesa, prefaciada pelo Conde de Prozoor.

Em princípios dêsse ano de 1902, que marca o aparecimento de *Canaã*, tendo Joaquim Nabuco sido nomeado enviado extraordinário em missão especial junto ao rei da Itália, escolhido para árbitro no litígio entre o Brasil e a Guiana Inglesa, foi Graça Aranha solicitado a acompanhá-lo, sempre como um dos seus principais colaboradores. Assim também nas viagens empreendidas nesse ínterim por Nabuco, a fim de preparar o seu volumoso memorial, antes que se fixassem na Itália por cerca de um ano e meio, as funções de seu secretário continuaram a ser desempenhadas por Graça Aranha, que a êsse tempo viajou muito e residiu por uns tantos meses numa pequena cidade tranqüila do Sul da França, bastante propícia ao trabalho.

Na Itália a existência dos nossos representantes assumiu outro caráter. Aí passaram a representar um grande papel na sociedade romana, entre recepções, banquetes e festas das mais suntuosas e extraordinárias, pois que era complemento da sua função diplomática impressionar favoravelmente os meios oficiais e sociais italianos em benefício do Brasil. Diga-se, a bem da verdade, que em tais ocasiões Joaquim Nabuco era insuperável, com a sua elegância, a sua inteligência, a sua fidalguia. Graça Aranha teve, pois, um grande mestre de fascinação pessoal, que viria ainda realçar as suas naturais qualidades.

Para quem sabe o que significa um estágio em Roma, não como viajante civil nem como peregrino religioso, mas como membro duma missão diplomática chefiada por uma figura da categoria admirável de Nabuco, será mais ou menos fácil avaliar as vantagens que teve Graça Aranha em se integrar na atmosfera da Cidade Eterna. Em outras condições; mesmo que fôsse rico, se restringiria a ver ruínas, basílicas, palácios, e a fazer um curso retrospectivo da história milenar pagã, imperial, religiosa e artística da cidade. Situado, porém, em circunstâncias logo inicialmente extraordinárias, assistiu, usufruiu e absorveu tudo com outras possibilidades.

Ali, evidentemente, a literatura se confina a uma nesga, já que outras forças se sobrepõem com o seu prestígio. Há ali um passado de milênios. Mas, ao tempo a que nos referimos, um presente de fausto, uma sociedade com heranças e influências permanentes, formavam um cenário de todo em todo diferente do que ainda resta hodiernamente nas grandes capitais. É que se estava ainda no período duma Europa não sacudida por intrigas de chancelarias, nem por problemas agudos. Naquele tempo, a vida social tinha outro sentido e outras oportunidades em capitais como Viena d'Austria, Paris, Londres, Berlim, onde o artista e o civil propriamente ditos, bem como as sociedades mundanas, podiam levar um regime ainda sem pressentimentos de catástrofes internacionais, de guerras coletivas e de dificuldades de câmbio e de

passaportes. E Roma, por sua sociedade caracteristicamente temperamental, era um centro menos fechado do que Londres, menos internacional do que Paris, e menos frívolo do que Viena.

Em meio àquele fausto, quando ainda era possível a grande vida de teor majestoso, Graça Aranha teve ensejo de apurar o seu espírito que tanto pendor tinha para a euforia. E foi nesse ambiente que veio a conhecer, entre os esplendores das festas e das recepções, entre as solenidades oficiais de embaixadas e palácios, aquela que — descendente dumã das mais nobres estirpes de São Paulo — viria a ser mais tarde a sua Musa Constante, com quem trocava milhares de cartas pela vida inteira.

Decorrido cêrca dum ano e meio, cessadas as funções da comissão especial, voltaram os nossos diplomatas para a Inglaterra, onde permaneceu Graça Aranha em Londres até os fins de 1904, quando finalmente regressou ao Brasil após uma ausência de cinco anos.

Para que se tenha uma idéia do conceito que então já desfrutava, citemos certa passagem duma carta de Joaquim Nabuco a Machado de Assis, em que aquêle comunica ao amigo o próximo regresso do autor de *Canaã*: "...Estou nos últimos dias do Graça Aranha conosco. Por maior que seja o vazio que êle vai deixar, não quisera prolongar a ansiedade de Vocês todos aí depois duma separação de mais de cinco anos. Vai haver lágrimas de alegria aí; eu estou cá e lá. Trouxe-o desconhecido do país, restituo-o glorioso, esperando que todos terão o mesmo orgulho dêle aí que eu tenho, a mesma certeza que dora em diante êle é quem mais pode fazer pelo brilho e nome das nossas letras".

* *
*

Regressando, pois, ao Brasil, rodeado de tamanho prestígio literário e social, Graça Aranha, passadas as expansões

de saudade e regozijo dos parentes e amigos, entregou-se novamente ao trabalho. Foi nomeado Procurador da República e professor de Direito.

Certo tempo depois, enviado da Europa por Nabuco, recebeu êle um ramo da famosa árvore — um carvalho — que na Itália é conservada, ao pé do Janículo, como um culto nacional ao gênio de Tasso. Esse ramo de carvalho, símbolo da imortalidade literária, devia ser solenemente entregue a Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras, como a mais alta e significativa homenagem de sua carreira de escritor. Pois bem. A Academia escolheu o próprio Graça Aranha para orador oficial da memorável sessão, o que prova o conceito em que era tido entre os seus pares. É escusado acrescentar que a oração com que se desempenhou da honrosa incumbência foi uma peça literária formosíssima, não pelo estilo à Vieira ou Latino Coelho — conforme ainda era o vêzo oratório de então — mas pelo conteúdo e graça.

Vemo-lo residindo na cidade de Petrópolis, mais propícia ao trabalho intelectual pela sua tranqüilidade. Para lá seguia por um processo que, se hoje nos parece anacrônico e complicado, era entretanto bem agradável como passeio. Pois tinha de tomar uma barca na antiga Prainha (hoje Praça Mauá) e, após um demorado percurso até o fundo da baía de Guanabara, passava então para um trenzinho que ia até a cidade das hortênsias. Evocar êsse tempo é restaurar uma existência interessante e animada, levada na serra pela alta sociedade carioca, durante todos os verões.

Assim foi decorrendo a sua vida no Brasil, entre a admiração e a estima dos seus concidadãos e no círculo afetivo de sua família, de que continuava como centro a bondosa Sinhá Graça, sua mãe extremosíssima, a outrora linda moça parecida com a Gioconda e que agora, no apogeu da existência do filho, era uma senhora encantadora, ainda bonita, cheia de energia e doçura simultâneas, irradiando uma alegria comunicativa. Tinha razão para isso, em verdade. Fe-

liz criação, que pôde ver realizado o destino excepcional do filho que correspondera da melhor maneira possível aos vaticínios e à confiança do pai, o velho jornalista Temístocles, desde os tempos longínquos em que êste lhe ensinara não somente as matérias de estudo, como também o mister de tipógrafo nas oficinas do tradicional jornal maranhense.

Entretanto, com o reconhecido brilho de sua personalidade, não poderia daí por diante Graça Aranha se confinar no âmbito de funções de gabinete e dum círculo restrito. Não demorou muito que se visse outra vez solicitado para servir o Brasil no estrangeiro, já que para isso era dotado de todos os requisitos essenciais: a inteligência fulgurante, a palavra fácil, as maneiras distintíssimas, a simpatia fascinadora, até mesmo a bela presença. Daí o ter galgado sucessivamente os mais altos postos, vindo a desempenhar entre outros os cargos de delegado do Brasil no Congresso Pan-Americano e ministro na Noruega e na Holanda, por tôda parte cercado dum intenso brilho, duma envolvente e geral estima, dons êsses herdados por seu filho Temístocles que também seguiu a carreira diplomática.

Não era sem razão que, passados muitos e muitos anos, ao fazer o retrato póstumo do grande brasileiro, assim se exprime a escritora Nazaré Prado: "Quem esteve uma vez sequer ao lado de Graça Aranha não esquecerá nunca o encanto de seu convívio. Nêle tudo era perfeito e a todos impunha a fascinação de sua personalidade, fôsse pela inteligência luminosa, pela incomparável ternura, pela segurança do caráter".

Tendo, pois, voltado para a carreira diplomática, foi outra vez na Europa, em 1911, que escreveu e publicou *Malazarte*, drama de caráter alegórico e simbolista, escrito numa linguagem lírica. Nêle figuram os mitos brasileiros Pedro Malazarte e a Mãe d'Água ao lado de personagens reais, como por exemplo a nossa velha conhecida Militina, a saudosa e jamais esquecida babá da sua infância no Maranhão, que nas noites quietas do casarão do Largo do Palácio lhe

exaltava ainda mais a fantasia, já de si exuberante, com as intermináveis histórias — “Era uma vez...”

Drama da imaginação, sem ter por objetivo nenhuma finalidade social ou realista, *Malazarte* (em que muitos viram a influência de Ibsen e de Goethe) é antes de mais nada a sùmula estética do pensamento filosófico do autor, o resultado de sua inquietação mental, a procura duma solução para a eterna agitação humana. E tal solução, ou pelo menos a esperança duma solução, éle a situa na integração da criatura na harmonia universal. Escrita simultâneamente em francês e português, foi a peça representada pela primeira vez em Paris, no mesmo ano de sua publicação, no *Théâtre de l'Oeuvre*. Se no Brasil não teve repercussão tão grande como *Canaã*, enorme todavia foi o seu êxito na capital da França onde os mais eminentes críticos dela se ocuparam com palavras elogiosas, entre êles Mauclair, que lhe dedicou um longo estudo.

Anos depois, *Malazarte* seria musicado sob a forma de ópera pelo Maestro Lorenzo Fernandez.

CAPÍTULO V

VELHICE

"...sermos uma força dentre as forças espirituais da terra."

Terminada a Guerra Mundial, ao vir da Europa em 1921, contando portanto cinquenta e três anos, não se pode dizer de maneira alguma que Graça Aranha fôsse um velho. Estava em plena maturidade de tôdas as suas extraordinárias faculdades. Muito lhe valera, certamente, a sua longa permanência no Velho Mundo. Mas aquilo que a sua civilização lhe proporcionou apenas se acrescentou às suas qualidades inatas, à sua esplêndida organização cerebral e humana. Mais jovem de espírito do que jamais o fôra, também fisicamente conservava todo o seu aprumo, o belo porte e a luminosa fisionomia da mocidade: grave perfil de linhas muito corretas, a fronte alta e cheia de dignidade, a boca de lábios finos e expressivos e, iluminado o semblante móbil, os claros olhos castanhos, inteligentes e vivos. Vivia em estado de euforia, arrebatado pelo prazer de viver e pelo espetáculo do mundo.

Passara na Europa uma grande vida, como elemento do maior destaque do nosso corpo diplomático, cercado de prestígio e recebendo homenagens e provas de consideração das mais eminentes personalidades da época, para o que deve naturalmente ter influído a sua desassombrada atitude a favor das potências que então lutavam contra a Alemanha. Com o mesmo entusiasmo com que na juventude

fôra abolicionista e republicano, veio a tomar partido pelos Aliados na guerra de 1914 a 1918.

Assim pois, residindo consecutivamente cinco anos em Paris, inclusive o tormentoso período da guerra, em 1920 lá escreveu *A Estética da Vida*, livro de idéias, dos mais importantes da nossa literatura, em que se revela a seriedade do seu espírito de humanista e pensador. Dessas páginas ressalta em tôda a plenitude a inquietação intelectual que foi um dos traços mais característicos da sua mentalidade, e que viria confirmar-se dentro em pouco no Brasil.

Realmente. Regressando à Pátria, trazia ao lado do seu entusiasmo de realizador e da formidável experiência européia, o desejo insofrido de influir de maneira decisiva nos meios culturais e artísticos brasileiros, cujos figurões usufruíam as vantagens duma glória acadêmica e modorrenta.

Encontrou um Rio de Janeiro diferente, em evolução rápida, com o centro começando a se alterar pela edificação de arranha-céus, alguns ainda disseminados, mas já nascendo um bloco deles na antiga área do convento da Ajuda, onde se formaria a zona dos cinemas, com o nome de Cinelândia. O aproveitamento dos terrenos do morro do Castelo já começava. (Ali, mais tarde, inteiramente moderna e ladeada por edifícios de cimento armado, se estenderia uma avenida com o seu nome). A terra de desmorte, jogada ao mar, viria a constituir — da Avenida Rio Branco à Ponta do Calabouço — o chão reservado para a Exposição do Centenário. E um desses pavilhões, o da França, seria mais tarde doado pelo govêrno francês à Academia Brasileira de Letras que, enriquecida com a herança do livreiro Alves, lá se instalaria para ser em breve “desacatada” pelo autor de *Mala-zarte*, em sessão memorável. Um Rio de Janeiro de fisionomia já bastante modificada, com a tumultuosa vida social se transmutando do Flamengo, de Botafogo e de Santa Teresa para o Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon, com o tráfego extraordinariamente acrescido e os hábitos alterados. E, es-

teticamente, também em certa evolução operada pelas gerações novas.

Por uma série de circunstâncias felizes, aconteceu a Graça Aranha vir aqui encontrar entre alguns dos mais brilhantes espíritos moços um idêntico anseio de renovação e dinamismo, mal abafado sob a crosta do tradicionalismo e da rotina que campeava em quase tôdas as manifestações da inteligência, dificultando qualquer reação. Não era possível, entretanto, que os elementos de vanguarda pudessem ser ouvidos por uma plateia afeita aos modelos parnasianos e acadêmicos. Era preciso provocar uma tremenda agitação, fazer barulho, destruir, acordar, desabusar os retrógrados, para depois, então, alertada a inteligência brasileira, poder finalmente desenvolver o espírito moderno em nossa terra.

Pois enquanto desde o princípio do século já se notava na Europa um esforço generalizado para a libertação estética, uma procura incessante de fórmulas novas que se exprimissem de maneira consentânea com os tempos, movimento êsse que o após-guerra só fêz acelerar ainda mais, no Brasil certa *intelligentsia* petrificada e estática se contentava em prosseguir na imitação de figurinos antiquados, na cópia de modelos alienígenas mais que superados em tôda parte.

Graça Aranha propugnava, ardorosamente:

“A inteligência impávida, libertadora e construtora, animada do espírito moderno que vivifica o mundo, transformará o Brasil.” “Ser brasileiro não é ser selvagem, ser humilde, escravo do terror, balbuciar uma linguagem imbecil, rebuscar os motivos da poesia e da literatura unicamente numa pretendida ingenuidade popular, turvada pelas influências e deformações da tradição européia. Ser brasileiro é ver tudo, sentir tudo como brasileiro, seja a nossa vida, seja a civilização estrangeira, seja o presente, seja o passado. É no espírito que está a manumissão nacional, o espírito que pela cultura vence a natureza, a nossa meta-

física, a nossa inteligência e nos transfigura em uma força criadora, livre e construtora da nação”.

O pensador de *A Estética da Vida* tornou-se, pois, o teórico e o arauto mais entusiasta da cruzada renovadora. Graça Aranha — o abolicionista e republicano de outrora, o aliadófilo recente — estava de novo no seu elemento, isto é, empenhado numa batalha, e esta de ordem estética, portanto fundamental para êle. Juntamente com um grupo de moços entre os quais se destacavam Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Cassiano Ricardo, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Sérgio Milliet, Plínio Salgado, Tristão de Ataíde, Paulo Silveira, Renato Almeida e muitos outros escritores, como por exemplo Paulo Prado, alguns artistas plásticos como Di Cavalcanti, Anita Malfati, Zina Aita, Brecheret, Vicente do Rêgo Monteiro, além do músico Vila-Lôbos, todos empregados pela campanha, transformou-se Graça Aranha em orientador, com o prestígio do seu nome dando ao Movimento Modernista uma importância que não mais poderia ser subestimada pelos figurões da velha literatura acadêmica.

Os acontecimentos então se sucederam com o estrépito duma autêntica “revolução branca”. Na chamada Semana de Arte Moderna, que se organizou em São Paulo com a participação dos elementos mais entusiastas e de alguns artistas conhecidos que aderiram à campanha, como por exemplo a pianista Guiomar Novais, o público teve ocasião de assistir, com espanto e curiosidade, a uma agitada e ruidosa demonstração da vitalidade do Movimento Modernista.

Na sessão inaugural da famosa Semana, que teve por palco o Teatro Municipal da Paulicéia e que é hoje um acontecimento histórico datado de fevereiro de 1922, o autor de *Malazarte* pronunciou a sua conferência *A Emoção Estética na Arte Moderna*, na qual rompia às claras com o passado e lançava o grito de guerra contra as fórmulas tradicionais e a rotina caduca:

“O que hoje fixamos não é a renascença duma arte que não existe. É o próprio comovente nascimento da arte no Brasil...” — conclamava êle, empolgado.

Tempos depois, numa atitude coerente com a posição que tomara, ei-lo que rompe pública e estrepitosamente com a Academia de Letras, de que fôra na mocidade um dos membros fundadores, com Machado de Assis e Joaquim Nabuco entre outros caros amigos, e que estava por isso ligada às suas mais prezadas recordações. Numa sessão hoje também histórica como um dos passos do Movimento Modernista Brasileiro, num ambiente tremendo de expectativa por parte dos membros da Academia e de delirante entusiasmo por parte da enorme assistência capitaneada pelos moços do Movimento, pronunciou com segurança, altivez e firmeza a sua revolucionária declaração de princípios. Nesse discurso — assistido por sua própria mãe — entrecortado de aplausos e de protestos, num clima de temporal a sacudir o plácido ambiente do *Petit Trianon* (sede da Academia), Graça Aranha — impávido e empolgante como nos melhores tempos de sua juventude — corajosamente lançou em face de seus pares a acusação de impedirem o progresso da inteligência nacional. Vibrante, estóico, pois que ali estavam entre os acusados alguns dos seus melhores amigos, ei-lo que lança as veementes apóstrofes do seu libelo:

“A Academia será uma reunião de espectros? Ou neste Brasil, que procuram converter numa China literária para império de tôdas as velhices, a Academia será uma casta de imortais, num país de imemoriais?... A nossa Academia é brasileira. Por que brasileira? Para ser um instrumento enérgico da formação nacional, uma alavanca do espírito brasileiro. A sua aparição foi um êrro, mas já que existe, que viva e se transforme. Há uma vida espiritual intensa, que a Academia desconhece. Deixemos entrar aqui um sôpro dessa vida, para despertarmos da sonolência em que nos afundamos. O Brasil é móvel. Todo o Universo move-se, transforma-se perpétuamente... A energia brasileira apossa-

se da terra e fecunda-a. Secam-se os vales de lágrimas da tristeza romântica e o otimismo alegra a ressurreição. Tudo vive espiritualmente. Só a Academia traz a face da morte." "O movimento espiritual modernista não se deve limitar unicamente à arte e à literatura. Deve ser total. Há uma ansiada necessidade de transformação filosófica, social e artística." "Se a Academia se desvia desse movimento regenerador, se a Academia não se renova, morra a Academia."

Depois, tendo apresentado ao ilustre cenáculo um projeto revolucionário, visando à renovação impetrada, e tendo sido o mesmo rejeitado, Graça Aranha se demitiu da Academia, rumorosamente. A memorável sessão de rompimento terminou em tumulto, entre as manifestações de repúdio dos acadêmicos e de delirante entusiasmo dos modernistas de que, mais do que nunca, a partir desse momento o grande escritor passou a ser o símbolo.

Assim era feito Graça Aranha. O seu ímpeto não arrefecia e punha a paixão em todos os seus atos. Já anteriormente se vira envolvido nos pródromos dum movimento político-revolucionário, o que chegou mesmo a levá-lo à prisão. Homem de ação por excelência, não se conformava com a atitude marginal de mero espectador, quando via ao redor de si um estado de coisas errado e prejudicial aos interesses da nação. Em política como em literatura, como em arte, era sempre um militante.

Em 1923 publicou uma obra de excepcional importância: *Machado de Assis e Joaquim Nabuco* (Comentários e notas à correspondência entre êsses dois escritores). O longo estudo que precede a correspondência, e que só por si daria um volume, é sem favor uma obra-prima de espírito crítico, beleza literária e elegância de linguagem. Representa, por tudo isso, um dos mais valiosos trabalhos da bibliografia de Graça Aranha.

Dois anos depois aparece outro volume — *Espírito Moderno* — que, como *A Estética da Vida*, compendia e esclara

rece o pensamento filosófico do escritor, através de conferências, discursos, ensaios e meditações.

Em 1926, por ocasião da visita de Marinetti (o escritor italiano criador do futurismo), Graça Aranha o apresentou ao público do Rio de Janeiro, numa agitadíssima reunião entrecortada de aplausos e vaias. Aliás, durante o seu estágio na Europa até 1921, Graça Aranha se familiarizara com os movimentos cubista, dadaísta e surrealista.



Residindo definitivamente no Rio, primeiro num apartamento nos fundos da Cinelândia, sôbre a "Casa Alemã" e dando para a rua Álvaro Alvim, depois em outro edifício no Russel, perto do Hotel Glória, situado bem em frente à estátua de Barroso, com grande satisfação se via Graça Aranha rodeado por um círculo brilhante de artistas e intelectuais em que se destacavam Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Filipe de Oliveira, Tristão de Ataíde, Vila-Lôbos, Álvaro Moreira, Augusto Frederico Schmidt, a bem dizer quase todos os futuros componentes da "Fundação Graça Aranha", grupo êsse que freqüentemente o acompanhava na Livraria Garnier, nos cafés e na casa de Ronald de Carvalho, na rua Humaitá, onde se reuniam semanalmente.

Foi êsse mesmo grupo que criou na Capital Federal uma instituição cuja finalidade seria zelar pela obra e pelo nome do seu patrono, ao mesmo tempo que incentivar as idéias pelas quais êle se batia. Com êsse intuito, estabeleceu inicialmente a "Fundação Graça Aranha" uma série de prêmios destinados a estimular escritores e artistas exclusivamente modernistas. O grande escritor, por sua vez, legou à entidade a sua biblioteca, os seus documentos e arquivo, bem como todos os seus quadros e objetos de arte.

Mas não era só. Além da companhia dos moços que o envolviam numa auréola de carinho e admiração, continuava a velar por êle a essa altura da vida aquela Musa

Constante que o destino, romanescamente, pusera em seu caminho ao pé das ruínas da Cidade Eterna.

Em 1929 foi dado a público mais um romance do autor de *Canaã: A Viagem Maravilhosa*, aguardado com imenso interesse nos meios literários. Constitui um grande painel do Brasil de então, em que se refletem os debates políticos, sociais e artísticos dessa época de transição. Realizou-o Graça Aranha num processo e num estilo inteiramente diverso dos seus demais livros, pelo que *A Viagem Maravilhosa* não pode deixar de ser compreendido senão como uma experiência. Todavia, o que importa é o pensamento sempre coerente que o rege da primeira à última página, em harmonia com a constante filosófica do romancista — a sua teoria do otimismo e da libertação pelo amor.

A medida porém que os anos vão passando, já a saúde do grande escritor vai se ressentindo. Não obstante a boa aparência, o coração revela sintomas que dia a dia mais preocupam a sua família e os amigos. É quando ele inicia o seu derradeiro trabalho, uma obra que, se tivesse podido concluí-la, seria da maior importância para as letras do Brasil. Tratava-se das suas memórias, em que teria enfeitado uma súpula do panorama intelectual do seu tempo e todos os trâmites da sua formação, ou seja, a fascinante história da sua existência, a que dera o título sugestivo de *O Meu Próprio Romance*. Mas, infelizmente, a esse tempo sua saúde se vai tornando dia a dia mais precária. O trabalho intelectual passa a ser penoso e lento, exigindo longos períodos de intervalo.

Por ocasião da revolução de 1930, sempre entusiasta, ele ainda vibrou com os acontecimentos que vinham realizar a sua antiga esperança de renovação dos nossos costumes políticos. A tal ponto se emocionou que os seus íntimos recearam uma crise perigosa. Depois, pouco a pouco se refez e, entre a atenção com que acompanhava o decorrer dos acontecimentos, ia lentamente elaborando as linhas gerais de sua autobiografia e se entregando de corpo e alma à

sua realização, encontrando um enorme prazer nessa evocação do passado distante.

Foi quando os seus parentes e amigos notaram, entristecidos, uma queda brusca em suas forças, que nem os regimes, nem o tratamento, nem os mais desvelados cuidados conseguiram reanimar. E logo mais falecia o notável brasileiro, a 26 de janeiro de 1931.

Estava assim encerrado o ciclo duma grande vida.



Ao falar de Graça Aranha, é impossível dissociar no homem extraordinário que êle foi — o escritor, do individuo propriamente dito. Pois êste não estêve de forma alguma em situação de inferioridade diante daquele. Não sabemos, em verdade, o que mais admirar em Graça Aranha: se a mentalidade portentosa ou a intrepidez de caráter, que fêz de sua existência uma linha reta de coerência e elegância moral.

Comparativamente com outros escritores do seu tempo, não foi um autor fecundo. Talvez, se continuasse a vida de juiz ou de professor universitário no Brasil, tivesse realizado uma obra quantitativamente volumosa. Os encargos de missões, a carreira diplomática e a atração dos grandes centros, são responsáveis por essa exigüidade de livros em quem tinha tantas idéias a transmitir. (Verdade é que a êsse respeito poderão oppor-me os exemplos de Eça de Queirós e Aluisio de Azevedo...) Mas nem por essa razão deixa de figurar entre os mais importantes escritores do Brasil, já que a densidade nêle supera o fator quantidade.

Suas memórias, sob o título de *O Meu Próprio Romance*, foram publicadas no mesmo ano de sua morte pela "Fundação Graça Aranha", com um belo e comovido prefácio da sua Musa Constante, a quem é dedicado o livro.

Da enfiatura moral do grande homem falam melhor do que nós alguns acontecimentos de sua vida, cujo lema bem poderia ter sido fixado naquelas frases dos seus tempos derra-

deiros, quando realizava o seu exame de consciência e o balanço de sua admirável atividade: "O espírito de libertação foi o meu supremo animador. Sob o seu impulso construí a minha existência".

Relembremos êsses acontecimentos, da maior importância para o seu perfil moral:

Graça Aranha foi o único estudante maranhense que abraçou a causa abolicionista ao seu tempo no Recife, tomando assim posição ostensiva contra o conservantismo da sua província.

A proclamação da República veio encontrá-lo ocupando o cargo de juiz municipal de Campos, na província do Rio de Janeiro. Pois bem. A 15 de novembro, ao ser conhecida a notícia dum golpe militar na Côrte, êle, no seu entusiasmo de antigo republicano desde a adolescência, em companhia de outros elementos exaltados da cidade, ocupou a Câmara Municipal e aí instalou uma espécie de governo comunal, muito antes de ter chegado a notícia da vitoriosa proclamação da República.

Sempre independente, tomou atitude contra o Governo Provisório, de cujos atos discordou e, em consêquência, foi demitido arbitrariamente do cargo de juiz de Campos.

Mais tarde, protestou contra o golpe de estado de Deodoro e se opôs à ditadura de Floriano.

Outro gesto que o define, é o seguinte: Ao tempo do governo de Prudente de Moraes, ocupava êle o importante cargo de Procurador Seccional da Capital Federal. Pois bem. Ao ter de defender certo ato prepotente e inconstitucional do Presidente da República, preferiu renunciar ao cargo a ter de amoldar a sua consciência a essa injunção desprimorosa.

Posteriormente, renunciou à cadeira de professor em duas Faculdades de Direito, por discordar do academismo carrança e formalista. Não aceitou em duas oportunidades o cargo de governador do Maranhão, a fim de "não traír aos outros" e a si próprio, segundo o seu depoimento.

Mesmo na diplomacia teve gestos duma independência e duma coerência que fazem ressaltar ainda mais a sua rígida formação moral. Foi assim que, ao protestar contra certos atos do Ministro das Relações Exteriores, então o Barão do Rio Branco, pôs em jôgo tôda a sua carreira diplomática. Da mesma forma, quando deixou o cargo de ministro plenipotenciário em Haia para ser coerente com as suas próprias idéias.

Sempre norteado por essa independência e senso de fidelidade consigo mesmo, foi que Graça Aranha veio a romper públicamente com a Academia Brasileira de Letras, que ajudara a fundar, e a que estavam ligados os seus melhores amigos. Compreendendo isso, depois de sua morte, a Academia — a chamada “Casa de Machado de Assis” — dando uma prova de serenidade e justiça, fêz colocar o busto de Graça Aranha em sua sede, ao lado de outros, rendendo-lhe a homenagem do seu carinho e da sua admiração.

Preito de consideração também já lhe tinham rendido em vida a França e Portugal, a primeira conferindo-lhe a Legião de Honra e o segundo escolhendo-o para sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

Não fôra sem razão que, proféticamente, êle escrevera um dia, já bem próximo da morte: “Trago em mim o espírito da vitória. Uma secreta fôrça me conduz para vencer todos os obstáculos. Se entrei na vida de olhos fechados, continuo assim. Olho para dentro de mim. Vou atravessando a existência como uma fatalidade vencedora. Em tôdas as campanhas em que m'empenhei sempre fui vitorioso”.

* *
*

Aqui fica apenas esboçada a vida de Graça Aranha. Não se visou fazer uma biografia minuciosa, nem um estudo propriamente crítico. A natureza amena do trabalho condensado que nos propusemos só teve como finalidade grata e indispensável propagar o seu exemplo, e ressaltar a sua obra perante as gerações juvenis.

SINOPSE CRONOLÓGICA DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS
DA VIDA DE GRAÇA ARANHA

- 1868 — Junho (21) — Nascimento.
1886 — Formação na Faculdade de Direito do Recife.
1887 — Nomeação para o seu primeiro cargo público.
1894 — Publicação de seu primeiro trabalho: *Concepção Monística do Universo*. (Prefácio à obra dêsse título, de Fausto Cardoso).
1896 — Publicação do estudo *O Farol Maranhense*, na *Revista Brasileira*.
1896 — Publicação da *Crítica à História do Direito Nacional*, na *Revista Brasileira*.
1897 — Publicação de *A Revista Brasileira e o Anonimato na Imprensa*, na revista do mesmo nome.
1897 — Publicação de *Névoas do Passado e Imolação*, contos, na *Revista Brasileira*, sob o pseudônimo de "Flávia do Amaral".
1898 — Publicação da conferência *A Literatura Atual do Brasil*, na *Revista Brasileira*.
1899 — Ida para a Europa, como secretário de Joaquim Nabuco.
1900 — Ida de Paris para Londres, acompanhando Joaquim Nabuco.
1902 — Publicação de *Canã*.
1902 — Ida para a Itália, com Joaquim Nabuco.
1903 — Regresso a Londres.
1904 — Regresso ao Brasil.
1911 — Publicação de *Malazarte*, na Europa, após a volta à carreira diplomática.
1920 — Publicação de *A Estética da Vida*.
1921 — Volta definitiva da Europa.
1922 — Participação da Semana de Arte Moderna, em São Paulo.
1923 — Publicação de *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*.
1924 — Rompimento com a Academia Brasileira de Letras.
1925 — Publicação de *Esprito Moderno*.
1926 — Discurso de recepção a Marinetti.
1929 — Publicação de *A Viagem Maravilhosa*.
1931 — Janeiro (26) — Falecimento.
1931 — Publicação de *O Meu Próprio Romance*.



GRANDES VULTOS DAS LETRAS

Facultar à juventude estudante do Brasil uma série de biografias dos nomes mais significativos em nossas letras, é o escopo desta série. Cada trabalho foi escrito por autor conceituado, escolhido de per si pela grande simpatia e admiração que dedica ao vulto biografado e a sua obra. São relatos leves mas vivamente agradáveis à juventude e a todos os interessados na vida dos escritores mais em evidência em nossa literatura.

- 1 — TOBIAS BARRETO
Paulo Dantas
- 2 — EUCLIDES DA CUNHA
Moisés Gicovate
- 3 — OLAVO BILAC
Leonardo Arroyo
- 4 — COELHO NETO
Paulo Dantas
- 5 — GRAÇA ARANHA
Maria de Lourdes Teixeira
- 6 — PAULO SETÚBAL
Júlio Oliveira Rosa



EDIÇÕES MELHORAMENTOS